

anxa
91-B
20329

CATALOGO
DO
MUSEU ARCHEOLOGICO
DE
DIU

ELABORADO POR

Jeronymo Quadros,

Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, Secretario da Commissão archeologica
de Diu, etc. etc.



NOVA GOA
—
IMPRENSA NACIONAL
—
1907

CATALOGO
DO
MUSEU ARCHEOLOGICO
DE
DIU

ELABORADO POR

Jeronymo Quadros,

Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, Secretario da Commissão archeologica
de Diu, etc. etc.



NOVA GOA
—
IMPrensa NACIONAL
—
1907

CATALOGO GERAL

DO

MUSEU ARCHEOLOGICO DE DIU

ORGANISADO EM 1906

PALAVRAS PRÉVIAS

Les collections et les musées où, de nos jours, on recueille avec une vénération pieuse les reliques de la haute antiquité, seront, mieux que les corps d'annales qui encombrant nos bibliothèques, les archives de l'histoire future.

Louis Bourdeau — L'HISTOIRE ET LES HISTORIENS.

É SABIDO de todos que se dedicam ao estudo da Historia, especialmente da historia indiana, a importancia capital da Epigraphia. Ainda n'este particular a providencia do oriental é notavel.

N'essas paginas de pedra tão largamente espalhadas pelos antigos templos, montanhas sagradas, sepulturas, subterraneos, por todo esse grande numero de monumentos architectonicos que se admiram n'este paiz, se descobrem elementos muito mais seguros para a analyse da evolução politica e religiosa do Hindostão, do que nas folhas de papyrus amarellentas ou de olas resequidas, que as lendas suspeitas da mythologia hindú ou as narrações phantasticas da litteratura védica nos tenham transmittido. Graças á Archeologia, nas suas diversas ramificações, podemos hoje deduzir rigorosamente os quadros genealogicos de dynastias indianas que se suppunham inexistentes, ou que, ainda ha meio seculo, só vagamente se indicavam; podemos estabelecer as leis da sua chronologia, da sua vastissima toponymia, tão variada e interessante; podemos, emfim, conhecer com segurança a génese das suas escolas philosophicas e de toda a sua complicada evolução social através os tempos: — São as *Stûpas* dos jaines, os Edictos de Asóka nas montanhas do Guzerate, as Inscriptões votivas dos templos brahmanicos e budhistas, as lápides funerárias postas modernamente a descoberto, outros tantos dados importantissimos que investigações archeologicas vão collhendo, dia a dia, com uma persistencia e methodo verdadeiramente admiraveis.

O gosto pela Archeologia é antigo no visinho imperio. O mesmo se não pode dizer, infelizmente, da nossa India. Não temos sido, é certo, os iconoclastas damnhinhos e brutaes, que em nós querem vêr alguns publicistas inglezes. A perda das nossas antigas fortalezas costeiras fizeram-nos perder o direito aos monumentos que ali possuíamos e, consequentemente, á posse dos antigos padrões da nossa gloria, vinculada em tantissimas pedras veneradas, que a dominação estrangeira não quiz ou não soube . . . nem conservar, nem respeitar. A este proposito muito se poderia allegar e provar; mas nem este é o logar proprio, nem asada a occasião para retaliações resabiadas de mau humor.

É porém, forçoso confessar, que, no pouco que nos ficou d'aquelle tempo, tambem existiam monumentos que se perderam, como os outros, faltos de apreço ou de vigilancia. Uns derruiram de caducos, de gastos e d'investimados; muitos soffreram os embates da sorte mofina, preparada pelo camartello demolidor em nome das exigencias de uma civilisação ferozmente materialista; poucos ficaram a desafiar os estragos do tempo e o esquecimento dos homens. Mas, a final, uma nova epocha, um raio de luz primeira, nasceu para a Archeologia indo-portugueza.

Não ha duvida, os monumentos *em papel* tinham sido salvos, em grande parte, por um crudito — Cunha Rivara — que fez escola entre nós, implantando na nossa India o culto da Antiguidade a poder de muitissimo trabalho. Mas existiam tambem os monumentos *em pedra*, que, mais do que o simples conhecimento, se d'elles o havia todo, exigiam a sua conservação material. Para estes, felizmente, dispostaram os primeiros dias de sol quente e vivido na governação bemfazeja e justiceira do ultimo viso-rei da India — Sua Alteza Serenissima o senhor Infante D. Affonso Henriques, Duque do Porto. A portaria provincial n.º 460 de 22 de maio de 1896, fundando o *Museu Real da India Portugueza*, e constituindo a sua direcção permanente, veio dar corpo e vida ás portarias n.ºs 331 e 491, de 9 de julho de 1894 e 15 de julho de 1895, que lançaram as primeiras bases para a obra de conservação intelligente e patriotica dos despojos historicos do nosso passado na India, dos «monumentos e testemunhos asiaticos do Portugal imperialista e épico» — obra para a qual convergiram, desde logo,

os esforços conjugados de alguns funcionarios superiores da provincia e de esclarecidos filhos de Goa, que, de mãos dadas, lhe imprimiram uma feição rigorosamente nacional.

Emquanto assim se procedia em Goa, dava-se em Diu um espectáculo muito differente. Fazendo aliás parte d'uma mesma provincia, onde em boa hora se iniciára esse sympathico movimento, tendo sido Diu o theatro onde se puzeram em scena os actos de maior força, mais originaes e empolgantes, do importante drama que cobriu de gloria, no Oriente, o nome portuguez no seculo XVI, e havendo aqui tanta piedosa reliquia a salvar, tanta recordação cavalleiresca a evocar, parecia, comtudo, que se julgava a terra indigna de conservar os attestados materiaes que lembravam o seu passado brilhantissimo de força e de grandeza; pois, aos poucos se remettiam para o reino os seus canhões famosos, a lápide mais veneranda e mais querida do seu Castello! Esses monumentos não estavam aqui tão mal curados, que estivessem em risco de se perder, ou que affrontassem o sentimento patriotico do visitante; não. Poderiam, porém, ter a sorte de outros já desaparecidos, e, por tanto, o mais acertado, era removel-os para logar seguro. Cortava o coração vêr o Castello despojado de compa-nheiros tão estremecidos, que lembravam dias de tanta fortuna para as nossas armas, de tanta gloria para Portugal; mas os entendidos julgavam salvar assim esses antigos e preciosos documentos do nosso pristino poder n'estas paragens. E então o rodar pesado e lento das carretas que transportavam para fóra do Castello a famigerada *Tigre* e o atrevido *Touro*, era como o *dies iræ* que se entoasse lugubrementemuros a dentro d'esta sagrada Fortaleza que tanta façanha lhes viu commetter, e que elles, de futuro, jamais valorisariam com a sua presença altaneira, com o registo historico dos seus dias de invencivel heroismo. Quanto ao mais, depois tudo indicava que, atraz d'essas reliquias, seguiria identico caminho o restante patrimonio d'esta terra.

Felizmente, tal se não deu.

A alma apaixonadamente patriotica de um culto official da nossa Armada, digno successor de Silveira e Mascarenhas, evitou esse exodo duplamente lastimavel: pelo triste prodomo de um total abandono a que

ficaria votado este torrão português, e pela desintegração proxima dos valiosos monumentos da celebre Diu. A portaria districtal, n.º 43, de 2 de dezembro de 1902 (doc. n.º 1), dá bem a medida de quanto valem o esforço intelligente, o sentimento artistico e a devoção patriótica de um funcionario illustrado e digno. A' sua volta congregaram-se os esforços d'uns poucos, e a nós nos coube uma parte n'essa cruzada de amor pelo passado feliz da terra que amamos com entranhado affecto. Funda-se enfim o *Museu Archeologico de Diu* (doc.º n.ºs 2 e 3). Felizmente ainda, aos esforços da auctoridade local veio juntar-se o apoio superior, traduzido na approvação concedida áquelle instituto (doc. n.º 4) e na concessão d'um subsidio annual, pela verba da conservação dos monumentos da India, nos termos do decreto de 31 de dezembro de 1902, para as despesas a fazer (doc. n.º 5), graças ao alto patrocínio e á decidida boa vontade do senhor conselheiro Galhardo e do illustre secretario geral d'este Estado, sr. dr. Peixoto Vieira. Por fim, installa-se definitivamente o Museu de Diu em casa mais ampla e condigna (doc. n.º 6)

As inscripções de Diu já se não espalharão pelo piso de novas calçadas, não se perderão nos taludes das estradas, não irão fortificar paredes de construcções particulares, nem aguentarão o peso de gradarias de ferro de varandas palacianas. Oh! felizmente não. Um templo magestoso, em que d'antes se entoavam louvores ao Deus dos christãos, n'esta terra inçada de paganismo, foi salvo de ruina imminente, e o primeiro beneficiado pelos salutaes resultados da nova propaganda; e n'elle resôa hoje um cantico profano em homenagem á Patria e aos que bem serviram aqui o seu Rei. — Uma triplice conquista essa — a da installação do Museu Archeologico de Diu — um culto venerando a Deus, á Patria e ao Rei. Salvou-se edificio da abandonada egreja de S. Thomé, respeitaram-se as lousas sepulchraes dos antigos batalhadores de Diu, prestou-se um tributo de honra aos que aqui enalteceram o nome do seu monarcha.

A arte, nas suas variadissimas manifestações, tem ali tambem o seu templo. Para elle convergiram e convergirão os modelos do antigo mobiliario de sissó, de gosto tão caracteristicamente regional, — as amostras de padrões de chélas, atoalhados, picotilhos, dotins, capotins, dorgogins e berten-

gis, — as cobertas de estampagem variadas, — em fim, os specimens, quasi de todo esquecidos, das antigas industrias locaes. Uma secção será destinada á Numismatica de Diu, cujos exemplares, alguns rarissimos hoje, fazem as delicias de colleccionadores entusiastas pela numisma nacional, e cujo valor, ainda ha pouco, era absolutamente desconhecido em Diu, onde algumas moedas antigas de ouro eram desapidadamente desvalorisadas em joias de ornamentação, ou brutalmente aniquiladas no cadinho destruidor de ourives boçal. Os manuscritos antigos serão cuidadosamente estudados, catalogados e conservados com methodo e carinho, subtrahindo-os assim á acção destruidora do clima. Tudo, enfim, que sirva de elemento para o estudo retrospectivo da acção civilisadora dos portuguezes em Diu, terá modesta mas cuidadosa moradia no seu tambem modesto, mas bem tratado Museu.

Já ha bastante feito, e lentamente se fará o restante. Do que existe, salvo excepções, já é prova este catalogo, que elaborámos em seguida á recente e honrosa visita official ao districto do nobre chefe da provincia, o senhor conselheiro Arnaldo de Novaes, que, agradado da forma como se respeitam hoje os monumentos que lembram o nosso passado grandioso em Diu, manifestou desejos de que o catalogo existente fosse impresso. Esse desejo foi uma ordem. Fomos nós o escolhido para levarmos a cabo essa tarefa, e nas paginas que vão lêr-se procurámos desempenharm'o-nos d'ella segundo os nossos fracos recursos.

Conservámos no presente catalogo a ordem numerica dada aos objectos no Museu, e fazemos acompanhar as competentes descripções de algumas explicações e lembranças historicas que se nos afiguraram mais importantes. O profundo conhecimento que da historia de Diu tem o seu actual e distincto governador, sr. Herculano de Moura, e a selecta e preciosa livraria que possui este illustre funcionario, foram-nos, por vezes, auxiliar valioso e indispensavel no decurso do nosso trabalho, pelo que muito grato aqui nos confessamos. E, durante os poucos dias que consagramos á redacção do presente catalogo, cercado d'essas pedras avelhentadas, umas desgraciosas e partidas, outras intactas e artisticamente trabalhadas, todas valiosas para um coração portuguez, e para nós duplamente amovaveis, mais de uma vez

nos sentimos amplamente feliz na contemplação d'esse trabalho de reconstrução material que no districto hoje se observa sob a habil direcção de s. ex.^a. Os deveres do nosso cargo não nos levam, é certo, para a coadjuvação directa n'esse campo de serviço; mas o nosso logar de secretario permanente da commissão archeologica põe-nos em contacto immediato com todos os trabalhos d'ella, e porisso, melhor do que ninguem, apreciámos, em toda a pureza da verdade incontroversa, o grande, o maximo fundo de realidade que tem o seguinte conceito patriotico, que sua excellencia o conselheiro governador geral da India Portugueza, sr. coronel Novaes, deixou escripto no «Livro dos Visitantes» do Museu Archeologico de Diu, quando, n'essa bella tarde de dez de março ultimo, lhe concedeu a honra da sua presença n'aquelle edificio:

«Augmenta o orgulho de ser portuguez quando se tem visto estes «monumentos que representam tanta grandeza e tantas virtudes. 10-3-0.

«(a) *Arnaldo de Novaes Guedes Rebello*, Governador Geral do Estado «da India».

Praça de Diu, 19 de maio de 1906.

Jeronymo Quachos.

DOCUMENTOS

I

N.º 43 — Tendo observado o abandono a que de longa data teem sido votadas as inscripções em pedra existentes em edificios que outr'ora pertenceram ao Estado, o que sobre representar incuria lastimavel pode revelar falsa noção de patriotismo que cumpre não deixar passar como verdade;

Sendo frequente encontrar lapides historicas servindo de amparo a taludes lateraes de caminhos recentemente construidos e tiradas dos escombros de antigos templos e baluarte que defendiam a Praça de Diu e seus postos militares ao longo das duas costas da Ilha;

Encontrando-se ultimamente, em excavações a que se tem procedido na capital d'este districto, algumas lapides tumulares do seculo XVI que evocam recordações de tempos registados como das mais gloriosas da nossa historia patria e a cuja conservação cumpre attender com o mais religioso acatamento, evitando que a pouco e pouco desapareçam por entre as pedras vendidas para edificações particulares dos gentios e para o fundeamento de redes dos *machins* que as preferem em virtude do seu maior peso e rija consistencia;

Devendo evitar-se a continuação da indifferença a que por tantos annos parece ter sida votada a conservação de fontes tão apreciadas no mundo culto para a reconstituição do passado;

Sabendo-se que a historica Diu, pelas heroicidades aqui commettidas pelos antepassados portuguezes, é um repositorio brillantissimo em que se evidencia, á intensa luz de factos incontrouversos, todo o valor, toda a energia da antiga e viril raça portugueza; e por isso todos os objectos, todas as reliquias que a relembrem constituem verdadeiras paginas d'essa biblia que todo o portuguez deve admirar e respeitar, evitando que a acção damninha do tempo ou ignorancia dos homens as destruam;

Hi por conveniente determinar o seguinte :

1.º — E' nomeada uma commissão, com o caracter de permanente, á qual cumpre fazer reunir todas as lapides, brasões d'armas nacionaes e de particulares, columnas, estatuas, inscripções em pedra, etc., que não estejam collocados nos seus primitivos logares, ou existam collocados nos seus primitivos logares, ou existam dispersos em casas particulares ou pagodes, templos gentios etc., e composta do dr. João Xavier d'Andrade, presidente da commissão municipal (*presidente*), Albano Francisco Xavier de Sá, escrivão de fazenda e João Jeronymo Lobo de Quadros, sub-delegado do julgado municipal (*secretario*).

2.º — Todos esses objectos, verdadeiros monumentos archeologicos, serão collocados e convenientemente censervados em uma das salas dos Paços do Municipio de Diu, que a actual vereação d'accordo com o governador destinar para esse util e patriotico fim.

3.º — Para essa sala serão transferidas as lapides e brazões d'armas existentes no deposito da secção d'obras publicas do districto e que se encontram dispersas, pelas ruinas do *Castello* dos antigos templos e baluartes, facilitando o governo este serviço.

4.º — A commissão nomeada pedirá ao governo districtal todas as providencias de que careça para realisar os seus fins, inculcando nos habitantes do districto o estímulo para a realisação da sua honrosa missão, por forma a obter em seu auxilio a congregação dos esforços de todos e a boa vontade de particulares, que possuam em suas propriedades quasquer reliquias do nosso gloriosissimo passado em Diu e a quem deve solicitar a sua cedencia para o pequeno museu archeologico, aonde piedosa e methodicamente serão conservadas.

5.º — Installada a commissão deve lavrar a competente acta, da sua primeira sessão em livro especial, cujo termo de abertura se fará na secretaria do governo districtal, e aonde ficarão transcriptas as actas das suas subseqüentes reuniões;

6.º — Alem do livro das actas possuirá a commissão, outros que julgue precisos, nomeadamente um para o registo da sua correspondencia e outros em que se mencione a proveniencia de todos os objectos adquiridos pela commissão para o referido museu archeologico ou dos offerecidos pelo governo local e por particulares e a onde fiquem consignados todos os dados historicos que se liguem a esses objectos e possam vir ao conhecimento da commissão, por forma a constituir um pequeno catalogo do museu. Estes livros serão fornecidos pelo governo districtal.

7.º — A' responsabilidade do secretario da commissão ficará a guarda e conservação do museu e seus pertences.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo de Diu, 2 de dezembro de 1902. — O governador, *João Herculano Rodrigues de Moura*.

II

Cópia — Acta de Instalação : — Aos 15 de janeiro de 1903, n'esta praça de Diu, e nos paços da Camara Municipal do mesmo concelho, se reuniu a mesma commissão do Museu Archeologico de Diu, nomeada por portaria do Governo d'este districto, numero 43, de 2 de dezembro proximo findo, e composta dos senhores doutor João Xavier d'Andrade, presidente da Comissão Municipal de Diu (presidente), Albano Francisco Xavier de Sá, escrivão de fazenda d'este concelho, e de mim, João Jeronymo Lobo de Quadros, sub delegado do Procurador da Corôa e Fazenda n'este julgado de Diu (secretario), e, dando-se por installada e fazendo sinceros votos para que os seus futuros trabalhos se corôem do melhor exito possivel, deliberou unanimemente reunir-se, em sessão ordinaria, em todas as primeiras quintas feiras de cada mez, na sala do referido Museu, que em breve deve ficar prompta. e, extraordinariamente, todas as vezes que se julgar conveniente, mediante previa designação feita pelo senhor presidente. Em seguida, a Comissão, compenetrada do valioso serviço que os seus traba-

lhos poderão vir a prestar á causa da Historia e civilisação do paiz, pela guarda e conservação dos seus monumentos patrios, que os ha muitos n'esta heroica e gloriosa terra portugueza, e conscia de que é unicamente á iniciativa do illustre Governador d'este districto, o primeiro Tenente da Armada Real, senhor commendador João Herculano Rodrigues de Moura, que esse resultado desde já se deve, deliberou igualmente que em nome do interesse publico, se consigne n'esta Acta um voto de reconhecimento ao mesmo excellentissimo senhor, ficando incumbido o senhor presidente de remetter ao governo do districto uma copia da presente Acta para os fins que se julgarem convenientes. Do que para constare se fez esta, que, sendo lida e achada conforme, vae ser assignada pelo ditos senhores presidente e vogal, comigo, dito vogal secretario, que a escrevi, (a) João Xavier d'Andrade, presidente — Albano F. X. de Sá, vogal — João Jeronymo L. de Quadros, vogal secretario.

Está conforme.

Sala do Museu de Diu, 19 de maio de 1906. — O secretario da commissão, *João Jeronymo L. de Quadros*.

III

Copia — Governo do Districto de Diu. — N.º 7. 1803. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Accuso a recepção do officio de vossa excellencia, numero 1, de 15 do corrente mez, que acompanhou a acta de instalação da Commissão a que Vossa Excellencia preside, e agradecendo as palavras elogiosas que n'ella se me dedicam, faço votos fervorosos e sinceros para que os trabalhos encetados agora tenham um futuro brilhante e de patente alcance patriotico. Existem ainda, effectivamente, monumentos de primeira grandeza a attestar á geração actual o que fomos aqui. A sua conservação não tem sido, talvez, cuidada como, parece deveria ser, mas que isso não seja incentivo para menos respeito pelos que completamente deruidos, appellam para mão piedosa e patriotica para se recolher em templo modesto mas levantado por bons desejos de bem servir á causa de Patria, que é de nos todos, portuguezes, o que ainda resta disperso entre os escombros de antigos conventos, baluartes e egrejas, abandonado ha tantos annos ás inclemencias do tempo, esquecido de qualquer efficaz intervenção official ou particular. A cruzada que se vae empenhar é util e patriotica, mas deve ser levada a cabo sob um véu de modestia que não dará logar a recompensas retumbantes, nem a reclames de serviços prestados; por isso mesmo mais honroso será o trabalho da commissão a que Vossa Excellencia fica presidindo. Conto só com o patriotismo, illustração e tenacidade de Vossa Excellencia e dos outros membros d'essa Commissão, que, todos, já teem dado provas de quanto se interessam pelo levantamento d'esta pequena e pouco protegida terra portugueza, e por isso me considero muito feliz em os ter associado ao meu empenho de não deixar que por completo se obliterem as recordações do nosso passado, tão grandioso e feliz n'estas paragens. Aqui acompanharei de perto e como um collabrador assiduo os vossos trabalhos, de longe, e sempre, serei dos vossos em pensamento, dando-lhes todo o apoio que por ventura lhe possa vir a prestar. Continuando com persistencia e dedicação, espero que antes de fins de março proximo (1), possam ter a modesta instalação do Museu completa, e este

(1) A um d'esse mez, installou-se o Museu na sala ao rez-do-chão do edificio do tribunal judicial (Acta de 6-3-03).

aberto a visita e admiração de quem cura do estudo do nosso passado historico na India. Esse dia será o primeiro de jubilo para Vossa Excellencia, Palacio do Governo de Diu, 17 de janeiro de 1903. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Commissão Archeologica de Diu. Governador, (a) O João Herculano de Moura, primeiro tenente da armada.

Está conforme.

Sala do Museu de Diu, 19 de maio de 1906. — O secretario da Commissão, *João Jeronimo L. de Quadros*.

IV

N.º 93 — Tendo o governador do districto de Diu tomado, em portaria de 2 de dezembro ultimo, providencias no intuito de prover á guarda e conservação dos padrões archeologicos e historicos ali existentes;

Considerando que ao governo se impõe o indeclinavel dever de preservar da acção do tempo os monumentos do nosso glorioso passado no oriente, tendo-se, porisso, instituido já em portaria do Sr. visorei, de 22 de maio de 1896, um *Museu Real da India Portuguesa*, com uma commissão directora permanente;

Considerando que, d'entre os territorios de que se compõe esta provincia, é em Diu onde mais existem monumentos antigos;

Hei por conveniente determinar o seguinte :

1.º É approvada a portaria do governo do districto de Diu, n.º 43, de 2 de dezembro de 1902, a qual será publicada em seguida á presente portaria.

2.º Nos contractos de venda dos predios nacionaes rusticos ou urbanos, será incluida a clausula de que quaesquer monumentos padrões, lapides, brazões e outros objectos d'esta natureza, n'elles existentes, serão do exclusivo dominio do Estado.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral, em Nova Gôa, 18 de abril de 1903. — O governador geral, *Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo*.

V

Copia — Governo do Districto de Diu. Secretaria do Governo Geral do Estado da India. Numero 25. Nova-Goa, 9 de maio de 1904. Ao Governo do Districto de Diu. Da Secretaria Geral. Participa-se em resposta ao officio d'esse governo numero 81 de 7 de mez proximo findo, que por despacho de Sua Excellencia o Senhor Governador Geral foi auctorizada a Repartição Superior de Fazenda para abonar annualmente a esse governo, para guarda, conser-

vação e pequenas despesas do Museu archeologico instalado na Fgreja de S. Thomè, a quantia de 100 rupias que sairá da verba para conservação dos monumentos. Já estão dadas as ordens convenientes para enviar a esse governo dois exemplares da publicação «O Oriente Portuguez» para ter o destino indicado no mesmo officio. O Secretario Geral, (a) Francisco M. Peixoto Vieira. Está conforme Secretaria do Governo de Diu. 14 de maio de 1904.

O Secretario do Governo, (a) José Manuel Candido de Souza, alferes.

Está conforme.

Sala do Museu de Diu, 19 de maio de 1906. — O Secretario da Commissão, *João Jeronimo L. de Quadros*.

VI

Copia — Sessão extraordinaria de seis de abril de mil novecentos e quatro. Presidencia do senhor João Xavier d'Andrade. Vogaes presentes: o senhor Albano Francisco Xavier de Sá, e eu, Jeronimo Quadros, vogal-secretario. Hoje, seis de abril de mil novecentos e quatro ás quatro horas de tarde, no edificio da antiga egreja parochial de São Thomé, convenientemente preparado para n'elle se instalar o Museu Archeologico d'este districto de Diu, por assim o haver sido sollicitado do Governo Geral d'este Estado por Sua Excellencia o Governador do districto, estando presente a Commissão directora do referido Museu, nomeada por portaria districtal, numero quarenta e tres, de dois de dezembro de mil novecentos e dois, e confirmada por portaria provincial, numero noventa e tres, de dezoito de abril de mil novecentos e tres, e bem assim o Illustrissimo e Excellentissimo Governador d'este districto, senhor commendador João Herculano Rodrigués de Moura, varios funcionarios publicos e habitantes d'esta Praça, o dito senhor presidente, declarando aberta a sessão, expôz o motivo da presente reunião, qual é a inauguração d'esta sala para n'ella funcionar, de hoje em diante, o Museu de Diu, que fica assim transferido da sala ao rez do-chão do edificio do Tribunal judicial d'este julgado, a qual se reconheceu insufficiente, e fazendo uma breve allocução appropriada á occasião, deu por installado o dito Museu Archeologico n'este edificio da extincta egreja parochial de São Thomé Apostolo, terminando por agradecer aos cavalheiros presentes a honra da sua comparencia a este acto. Tomando então a palavra o dito Excellentissimo Governador, disse que se sentia feliz por observar que o pensamento que lhe dictára a criação do Museu Archeologico em Diu, onde realmente ha muito que admirar e conservar, estava sendo habilmente comprehendido pela respectiva Commissão directora, e, por isso, esperando que esta não esmorecerá nunca nos seus trabalhos, que representam um beneficio para a Historia e Civilização do paiz, felicitava-se a si proprio e felicitava o povo de Diu por ver, em vespas de sua partida para o reino, que aos gloriosos monumentos da heroica Diu estava assegurado um futuro honroso, que o cuidado dos homens saberia proporcionar-lhes n'este caso. Foram então levantados tres vivas pelo senhor presidente, um ao senhor ministro da marinha e ultramar, outro ao senhor Conselheiro Governador Geral d'este Estado, e o terceiro ao senhor Governador do Districto, os quaes foram calorosamente correspondidos pelos circumstantes ao som do Hymno Nacional. Do que para constar se fez esta acta, que, sendo lida e achada conforme, vae ser assignado pelo dito Excellentissimo Governador, presidente, vogal, cavalheiros presentes, e por mim, dito vogal-secretario, que a escrevi.

(A.º) João Herculano Rodrigues de Moura, 1.º tenente da Armada — João Xavier d'Andrade, presidente — Albano F. X. de Sá, vogal — Padre Cosme Floriano Dias, vara — Rosario S. da Rocha e Sá, juiz municipal — José Manuel Candido de Souza, secretario do governo e administrador do concelho — Joaquim Candido Arcanjo José da Fonseca, alferes graduado — Lino Marçal Sant'Anua de Saldanha, alferes de infantaria — Padre Agostinho Luis Carlos de Souza, vigario de Brancavará — Padre José Maria Pereira de Gama, coadjutor de Sé — Rosario Agostinho da Exaltação Monteiro, cirurgião mór — Heitor Antonio da Trindade, 3.º official chefe d'alfandega — Sivelal Emotramo — Alexandre Jeronymo do Rosario, presidente da Confraria — Bicu Sinay Matmó — Navrogy Idolgy — Honorato d'Oliveira Colimão, 2.º amanuense de fazenda — Dorabgy Caugy — Candido José Mourão Garcez Palha — Porsotomo Lacmichande — Pedro Antonio do Rosario — Amarclande Aracchande — Joaquim Lactancio F. X. Rodrigues — Eduardo Joaquim d'Almeida — Ratangy Cavasgy — Isaac Pedro Paulo da Conceição Rodrigues — Julião do Rosario Martins — Lauchande Gerage — João Jeronymo L. de Quadros, vogal-secretario.

Está conforme.

Sala do Museu Archeologico de Diu, 19 de maio de 1906.—O Secretario da Commissão,
Jeronymo Quadros.



Indice dos brazões d'armas

descriptos n'este Catalogo

Armas Reaes	2 - 8 - 76	Louzãs	Ib.
Alcagovas	65	Mellos	61
Almeidas	56	Mendonças	59
Andradas	58	Monsantos	65
Arraiolos	65	Refoios	Ib.
Bastos	Ib.	Rezendes	Ib.
Castilhos	32	Saldanhas	67
Castros	8 - 65	Silvas	1 - 8
Falcões	32	Sousas	23
Freires	58	Sousas Chichorros	60
Guedes	9	Sousas Coutinhos	Ib.
Henriques	65	Sousas Prados	Ib.
Lencastres	62	Teixeiras	9

Indice chronologico

das inscripções constantes d'este Catalogo

1537	76	1678	56
.5.8	68	1685	59
1538	32	1692	62
1542	39	1701	3
1546	23	1712	63
1580	28	1713	1
1608	24	1718	9
1609	73	1723	2
1632	22	1725	57
1635	30	1746	6
1640	27	1799	29
1642	8 - 25	1838	15
1646	59	1844	35
1661	65 - 67	1874	53
1663	60	1895	4
1667	18	1899	21

Indice dos nomes

citados nas inscripções

André Carneiro	73	João (D.) III.....	34
Angelus (S.)	37	João da Silva Tello.....	8
Antonio da S. Tello e Menezes 1 - 63		João Vicente.....	76
Antonio da Saldanha	27	Jorge (D.) A. de Mello.....	61
Antonio Teixeira	67	Jorge de Souza.....	23
Ãrique de Sousa	23	Lopo de Baros da Silva.....	7
Aspar	68	Lourenço da Cunha Souto Maior	3
Belch	54	Luis de Mello Pereira.....	2
Bernaldim da Silva.....	39	Luis Neto.....	39
Bodú (mestre).....	6	Luso.....	66
Conde de Aveiras.....	8	Mãe de Deos.....	57
Constança (D.).....	21	Manoel Affonso.....	3
Diogo Glr.....	22	Manoel Furtado de Mendonça.	59
Diogo de Pinho Texeira.....	9	Manoel de Mello.....	56
El-rei de Cambaia.....	23	Maria Dias.....	27
Francisco (D.) de Souza	60	Mariano J. da Costa Souza Feyo	4
Gaspar de Cumiel.....	24	Nuno da Cunha.....	76
Gonçalo Falcão.....	32	Padre.....	54
Hieronimo do Vadre Rebello..	57	Pedro (D.) Henriques.....	65
Hyeronimo (S).....	38	Pedro Souza de Lencastre....	62
Jesus Nazarenus.....	46	Rex Judaeorum.....	46
Jacinto Barbosa.....	30	Santissimo Sacramento.....	14
João (S.) Baptista.....	13	Senhora dos Remedios.....	18

CORRIGENDA

Página :	Ond ^a se lê :	Leia-se :
VIII	Salvou-se edificio	Salvou-se o edificio
X	10-3-0	10-3-6.
XI	baluarte	baluartes
Ib.	das mais gloriosas	dos mais gloriosos
XIII	1803	1903
XIV	a visita	ao estudo
Ib.	Vossa Excellencia	Vossas Excellencias e tambem um dos bons dias de Diu para mim.
Ib.	Governador, (a) O	O Governador, (a)
XV	n'este caso	n'esta casa
4	cargo	corpo
7	Danchande	Deuchande
18	Anno	Amo
Ib.	542	1542
Ib.	Granadas	Granadas reaes
Ib.	Ditas	Ditas de mão
20	Antiga	Antigo
21	juste	fuste
23	(3)	(5)
24	a que lapide	a que a lapide
25	FECA	FICA
45	sepultura	sepultvra
47	1546-23 1580-28	{ 1546-23 1560-77 1580-28

N B — Ha outras erratas de facil correcção. No *Indice dos nomes* escaparam os de Beatriz (D.) de Mendonça (lap. 77), Dom Ir.^o (82), Lourenço (80), Lourenço (D.) de Sousa (77) e Vasco de Mzs. (lap. 82).



DESCRIÇÃO

I ⁽¹⁾

Armas Particulares

Brazão — Um escudo esquartelado, encimado por uma corôa de visconde; no primeiro e quarto quartel, as armas dos Silvas — em campo de prata um leão de purpura armado de azul ⁽²⁾; o segundo e terceiro, vãos; ao centro, um crescente com as quinas reaes ⁽³⁾. Sem timbre. Ocupa meia lápide.

Legenda:

SENDO DGNSS.^o G.^o DESTA
FORTZ.^A O S.^{OR} ANT.^o DA SILVA TE
LLO E M.^o MANDOV REEDFC
CAR E MVRAR DE TODO ESTAS
CAZAS DA ALFADEGA E M
ADOVM NO ANO DE 1713

Que, em texto corrido, deve lêr-se:

Sendo dignissimo Governador d'esta Fortaleza o senhor Antonio da Silva Tello e Menezes ⁽⁴⁾, mandou reedificar e murar de todo estas casas da alfandega e mandovim ⁽⁵⁾ no anno de 1713.

(1) A numeração d'este Catalogo é a mesma do *Lv. do Inventario e Descrição* do Museu, que está em harmonia com a numeração a oleo dada aos objectos que ahi se guardam.

(2) Silveira Pinto — *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, t. I, pag. 47. Vid. *Inscrip.* n.^o VIII.

(3) Não se distinguem bem.

(4) Governou Diu de 1711 a 1716. Também governou Macau; vid. o artigo *Antonio de Albuquerque Coelho*, do sr. Ismael Gracías no *Oriente Portuquez*, 3.^o vol. pg. 260-268. A elle se deve em Diu a construcção do Bal. de St.^a Catharina, o 4.^o cubello da muralha W da Praça, a partir do antigo Bal. da Tranqueira, no extremo NW.

(5) Nome que antigamente se dava aos postos aduaneiros em que se cobravam direitos; corresponde, em guzerathe, ao actual *chabutró*.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá ⁽¹⁾. Mede 1,^m08 $\times$ 0,^m80. Borda ornamentada. Coberta de muita cal. A inscripção está toda em letras maiúsculas, e contém varios entrelaçamentos e abreviaturas. Veiu do deposito da Secção das Obras Publicas do districto ⁽²⁾. Esteve no antigo muro que cercava a casa da Alfandega ⁽³⁾ d'esta Praça, á porta, do lado esquerdo, onde Rivara a viu em 1859 ⁽⁴⁾.

II

Armas Reaes

(em $\frac{2}{3}$ da lápide)

Legenda :

Este Balluarte e

O muro q' se segue mñou

fz.^r Luis de Ml.^o Pr.^a G.^{or} des
ta Fort.^a anno 1723

Que deve lêr-se :

Este baluarte e o muro que se segue, mandou fazer Luis de Mello Pereira Governador ⁽⁵⁾ d'esta Fortaleza no anno de 1723.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, contundida no angulo esquerdo inferior. Mede 1,^m20 $\times$ 0,^m83. Borda ornamentada. Coberta de cal. A inscripção está em letras maiúsculas e minusculas; contém algumas abreviaturas; sem entrelaçamentos. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve sobre a porta (lado externo) chamada da *Praia*, antigo Bal. de S. João ⁽⁶⁾, em frente da Alfandega, onde Rivara a viu em 1859 ⁽⁷⁾.

(1) Povoação rural, ao sul da Ilha (freg. de St.^o André). As suas pedreiras tiveram fama; d'ellas se extrahe um calcareo-argilloso, de côr parda, mais resistente que a laterite amarella do resto da Ilha.

(2) No deposito d'essa secção estavam recolhidas, antes da fundação do Museu, as lápides que se encontravam no decurso das obras e excavações a que pela mesma secção se procedia.

(3) Esse muro foi abatido em 1898, dando lugar ao vasto largo que ali agora se vê.

(4) *Inscripções de Dio*, n.^o 48 (vid. *Bol. Off.* de 1865, n.^{os} 73 a 86). A relação completa (assim julgada) das inscripções de Diu, póde tambem ver-se no nosso opusculo *Diu*, pags. 51 a 88, e na *Illustração Goana*, n.^{os} de ag. e set. de 1865, sob a epigraphe de «Relação das pedras e padrões que ha na Fortaleza de Diu», por F. N. Xavier (datada de Diu, a 30 de ab. de 1841), comprehendendo pedras e padrões, de 2 até 5 palmos de comprido, e de 2 até 3 de largo, existentes no Castello, na contramuralha do mesmo e nas muralhas e baluartes da Praça, e das ditas dimensões, existentes em diferentes sitios da Praça, no Forte do Mar e nas aldeias de Gogolá e Brancavará.

(5) Governou Diu de 1722 a 1725.

(6) Abatido em 1898.

(7) Cit. op., n.^o 71.

III

Legenda :

SENDO GOVERNADOR DESTA FORTAL
EZA SEGUNDO POR PATENTE DEPOIS
QUE A POSSUIMOS O⁽¹⁾ SEN
HOR LOURENÇO DA CUNHA SOUTO
MAIOR ⁽²⁾ MANDOU ABRIR ESTA CAVA
E FAZER ESTA PONTE E REPARAR A POR
TA COM A MEIA LARANJA ENCORE
GANDO TODA ESTA OBRA A MANOEL
AFONSO NATURAL DE MONCHI
QUE REINO DO ALGARVE ALFER
ES DA COMPANHIA DESTA PORTA
O QUAL O FEZ COM TODO O CUIDADO
E ZELLO EM ERA DE 1701 ⁽³⁾

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 1,^m05×0,^m83. Borda ornamentada. A inscrição occupa tres quartos da lápide, annullando-se a parte restante por um traço forte; está toda em letras maiusculas, sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve ao lado direito da antiga ponte levadiça da Porta do Campo, onde Rivara a leu em 1859 ⁽⁴⁾.

IV

Cruz

(occupando $\frac{1}{3}$ da lápide)

Legenda :

AQUI JAZ O CORONEL
D'ARTILHERIA DO EXER
CITO DE PORTUGAL MA
RIANNO JOAQUIM DA
COSTA SOUSA FEYO
QUE GOVERNANDO ES
TE DISTRICTO FALLECEU
EM 23 DE OUTUBRO DE
1895

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 1,^m11×0,^m76. Borda em filete, ornamentada nos angulos. A inscrição está toda em letras maiusculas, sem en-

⁽¹⁾ Está apagada a palavra, que deve ser *Ill.mo* ou *Ex.mo*

⁽²⁾ Governou de março a dezembro de 1701. Fôra capitão da cidade de Goa em 1694.

⁽³⁾ Não lhe damos o texto corrido, por ser de facil leitura; e assim ás outras, ao diante.

⁽⁴⁾ Cit. op., n.º 61.

trelaçamentos, nem abreviaturas, Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve no cemiterio d'esta Praça ⁽¹⁾, cobrindo os restos d'esse mallogrado official ⁽²⁾.

V

Pedra preta, em forma de arco; partida em cinco bocados. Mede a flecha 0,^m88 — e a corda 1,^m28. Ornamentada em alto relevo. Veiu da plataforma do Bal. de S. Nicoláo (Castello), onde, parece, servira de cabeçalho á lapide descripta n'este Catalogo sob o numero XXXIV.

VI

Sino de bronze, pintado de verde-mar. Tem 0,^m87 de altura, com 0,^m78 de diametro na bocca. No tôpo, vêem-se tres argolas do mesmo metal, e metade d'uma quarta. Rachado na direcção d'uns furos que apresenta junto da circumferencia da base. A meio cargo, pela frente, existe uma cruz em alto relevo, apoiada sobre uma estrellá de 5 raios, coroando um coração em chammas. Seguem tres bandas rectangulares, com a seguinte legenda:

\ SIOAO DE DEOS ERA D \
 \ FEITA PELO MESTRE BODV \
 \ 1746 \

Que deve lêr-se:

S. João de Deus. Era de 1746. Feita pelo mestre Bodú ⁽³⁾.

Veiu da chamada «Hortinha» do actual Hospital Militar da Praça ⁽⁴⁾, em cuja torre esteve muitos annos, até que, por ameaçar queda, em 1903, foi mandado arrear pelo actual sr. Governador do districto para a dita hortinha ou cêrca. Pertenceu ao extinto convento de S. João de Deus, cuja torre se desmoronou em julho de 1900, com a força da invernía.

VII

Pedra inteiriça de Nagoá, apresentando a forma d'um octogono regular. Tem cinco lados completos, e o primeiro e o setimo incompletos; falta-lhe o oitavo. Campo vasio. Na orla do perimetro, lê-se o seguinte, distribuido pelos sete lados:

⁽¹⁾ Antigo convento de S. João de Deus.

⁽²⁾ Governou desde 19 de novembro de 1894. Os seus restos foram mandados para Goa em julho de 1902, donde seguiram, pouco depois, no paquete *Zaire* para o reino.

⁽³⁾ Deve ser o nome do fundidor; não parece de Diu.

⁽⁴⁾ Antigo convento de S. Francisco d'Assiz, ainda aberto ao culto.

LOPO
DE BAROS. D
A SYLVA. ⁽¹⁾ DEV. A
VALIA. DESTE
PVLPIITO. SEN
DO CAPITAO
MOR...

Cada lado mede 0,^m43. Veiu das ruínas do antigo convento de S. Domingos — ou, propriamente, da Mãe de Deus — d'esta Praça.

VIII

Armas Reaes

*

Armas Particulares

Brazão — Um escudo partido em pala, e encimado por uma corôa de visconde; na primeira, as armas dos Silvas — em campo de prata, um leão de purpura armado d'azul; ⁽²⁾ na segunda as armas dos Castros, dos que procedem de D. Alvaro Pires de Castro — seis roellas azues em duas palas. ⁽³⁾ Sem timbre. Occupa o segundo terço da lápide, por baixo das armas reaes, ás quaes la-deiam uma cruz de Christo e um vaso, ás bandas, com uma flôr de liz nascente.

Legenda :

GOVERNANDO ESTE
ESTADO. O EXCELLEN
TISSIMO SENHOR. JOÃO
DA SILVA TELLO. COND
E DE AVEIRAS. ⁽⁴⁾ SE ACA
BOV. ESTE BALLVAR
TE ANNO. 1642 ⁽⁵⁾

⁽¹⁾ Referir-se-ha a Lopo de Barros, de que trata o doc. n.º 620 do *Archivo-Portuguez-Oriental*, fasc. V, p. 655?

⁽²⁾ Vid. o sr. Visconde de Sanches de Baena *Archivo Heraldico-Genealogico*, P. II, p. 165. Essas armas teem registo na Torre do Tombo, a fl. 11 do Lv. competente.

⁽³⁾ Vid. *Inscrip.* n.º LXV. Cit. *Resenha*, t. I, p. 296.

⁽⁴⁾ A creação d'esse titulo, que anda annexo ao de Marquez de Vagos, data de 24 de Fev. de 1640; foi renovado no 11.º Conde d'Aveiras por Dec. de 28 de fev. de 1863 e Carta de 8 de Jan. de 1864 — cit. *Resenha*, t. I, p. 165. O 5.º Marquez de Vagos (D. José Tello da Silva Menezes Côrte Real) herdou as casas dos Condes de Povolide e de Valladares — cit. *Resenha*, t. II, p. 702. Esses Tellos e Telles não são appellidos; o primeiro é nome proprio, e o segundo é o seu patronimico, que foi muito usado pelos Menezes em memoria de Tello Peres, rico-homem e senhor de Menezes, de quem descendem todos os d'este appellido e dos Girões e d'alguns Silvas, depois que se aparentaram com os Menezes; não teem armas proprias — cit. *Archivo Heraldico*, P. II, p. 170.

⁽⁵⁾ Parece que se refere ao Bal. *Menagem*, do Castello; vid. o n.º XLII do presente Catalogo (n.º 23).

Nota — Pedra de Nagoá, em forma de cruz, partida em dois bocados. Mede $1,^m75 \times 0,^m65$, com $1,^m11$ de comprimento para o braço de cruz. Borda ornamentada á volta das armas, que occupam $\frac{3}{4}$ da lápide. A inscripção está toda em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu do fôssô aquático do Castello (lado norte), onde jazia enterrada no lôdo, vendo-se porisso n'ella muitas adherencias de ôstras que ali se lhe pegaram. Pertenceu ao Bal. de S. Jorge, do Castello. Esteve á direita da ponte dormente, onde Rivara a viu em 1859. ⁽¹⁾

IX

Armas Particulares

Brazão — Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel, as armas dos Teixeiras: em campo azul uma cruz de ouro *potentéa*, vazia de campo; no segundo e terceiro quartel, parece que as dos Guedes ⁽²⁾ — em campo azul cinco flores de liz de ouro em santor, mal representadas, vendo-se apagada a central do segundo quartel ⁽³⁾. Sem corôa. Cercadura de ramagens, em volta do escudo. Timbre: o dos Guedes — um leão azul nascente, com uma das lizes na testa:

Legenda:

GOVERNANDO ESTA PRACA
DIOGO DE PINHO TEIXERA ⁽⁴⁾
FIZERAO OS MAZANES E
MAIS POVO GENTIO ESTA
PONTE LEVADISSA ENT
RANDO O DITO G.^{OR} COM A PA
RTE Q COVBE AO MESMO POV
O MSON.^O ⁽⁵⁾ NO ANNO DE 1718

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, contundida no angulo esquerdo inferior. Mede $1,^m35 \times 0,^m89$. Borda ornamentada. A inscripção está toda em letras

⁽¹⁾ Cit. op., n.º 16.

⁽²⁾ Sobre essas duas familias, Teixeiras e Guedes, vide a cit. *Resenha*, t. I, pags. 374 e 486, e t. II, pag. 49. As armas dos Teixeiras têm registo na Torre do Tombo, a fl. 16 do Lv. competente. Os Teixeiras são oriundos de Hespanha, tendo por tronco D. Favila, rei das Asturias, morto em 739; o 1.º que usou d'esse appellido foi D. Hermigio Mendes, senhor do concelho de Teixeira — cit. *Arch.-Herald.*, P. II, pag. 70. As armas dos Guedes têm registo no dito Livro, a fl. 35. Os Guedes são de Galiza; D. Gueda o *velho* passou a Portugal no tempo de D. João I, que lhe deu o fôro de vassallo e escudeiro, e foi senhor das villas de Murça, D. Chama e Agua Reves — ib. loc., p. 83.

⁽³⁾ Talvez sejam cinco pinheiros verdes com pinhas de ouro em santor, que são as armas dos Pinhos, pois o mal acabado da esculptura não deixa perceber isso bem, — cit. *Arch.-Herald.*, P. II, p. 140.

⁽⁴⁾ Governou de 1716 a 1719. Havia governado Macáu em 1706 — vid. Gabriel Fernandes, *Apointamentos para a Historia de Macáu* (Lisboa, 1883).

⁽⁵⁾ Não percebemos esta abreviatura.

maiúsculas, algumas entrelaçadas, contendo poucas abreviaturas. Veiu do fosso da muralha do oeste, junto á Porta do Campo; esteve do lado esquerdo da antiga ponte levadiça da mesma Porta, onde Rivara a viu em 1859 ⁽¹⁾.

X

Miniatura do Forte do Mar, em pedra amarella (ordinaria) de Diu. Tem as seguintes dimensões: $0,^m51 \times 0,29 \times 0,^m21$. Feita em 1904, por um artifice d'esta localidade ⁽²⁾. Adquirida por compra.

XI

Legenda :

MEMORIA PERA
OS ESQVECIDOS
CAIMDO ESTA P.^A ⁽³⁾
MATOV 9 PESOAS

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede $0,^m55 \times 0,^m49$. A inscripção está toda em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos, contendo uma abreviatura. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve no antigo muro da casa d'Alfandega, do lado direito, onde Rivara a viu em 1859 ⁽⁴⁾.

XII

Antigo Sacrario, em madeira de téca, pintado a rosa por fora e a ouro por dentro. Ordem corinthia. Apresenta tres faces, formadas por seis elegantes columnas, com os fustes em canneluras, e as molduras do capitel e intablamento ornamentadas ao sabor da antiga architectura religiosa. Tem as seguintes dimensões: $0,^m66 \times 0,^m76 \times 0,^m95$. Veiu da arrecadação da actual Sé Matriz do districto, a cargo da confraria de N. Sr.^a do Rosario. Deve de ter pertencido a algum dos muitos templos d'esta Praça, hoje em ruinas.

(1) Cit. op., n.º 64.

(2) O mestre pedreiro Danchande Narane.

(3) A abreviatura parece diser *pedra*, mas deve referir-se a alguma *parede* desmoronada, visto ter morto nove pessoas.

(4) Cit. op., n.º 44. Ignora-se a epocha a que a lápide se refere.

XIII

Imagem de S. João Baptista, em pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m95 de alto. Apresenta na mão esquerda um livro fechado, e sobre este um cordeiro em descango. Assenta sobre uma peanha rectangular, com os cantos chanfrados, a qual mede 0,^m08 de alto, e em cujo rebordo se lê:

JOANNES B.

Veiu do deposito das Obras Publicas. Pertenceu ao antigo Baluarte da Mãe de Deus; sobre cuja porta de entrada (ao sul) se via (¹).

XIV

Legenda :

LOVVADO SEIA
O SANTISSIMO
SACRAMENTO

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, pouco contundida no angulo esquerdo inferior. Mede 0,^m57×0,^m34. Inscrição em letras maiusculas, sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu das ruinas do antigo convento de S. João de Deus. Emblema religioso muito usado n'esta Praça e em Goa, onde se vê em quasi todas as contrucções christãs, assim publicas como particulares (²).

XV

Legenda :

FEITA
EM MAIO
DE
1838 ∞

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, coberto de muita cal. Mede 0,^m43×0,^m49. Ornamentada nos quatro angulos. Inscrição em letras maiusculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve sobre a porta da antiga casa da guarda da Alfandega (³), onde Rivara a viu em 1859 (⁴).

(¹) Essa imagem foi tirada d'um nicho que se via sobre a porta do Bal. *Mãe de Deus*, quando em abril de 1900 se deu principio á edificação do actual quartel da secção da 6.^a Companhia da Guarda Fiscal, para o qual se aproveitaram as paredes-mestras do referido baluarte.

(²) Encimado, ordinariamente, por uma Custodia, tendo ao lado dois anjos em adoração.

(³) A' direita da *Inscrip.* n.º XXXVIII do presente Catalogo.

(⁴) Cit. op., n.º 46.

XVI

Fragmento d'um antigo retabulo, em madeira de téca, muito elegante, pintado a vermelhão, do mesmo typo architectonico da peça descripta n'este Catalogo sob o n.º XII. Apresenta tres faces, formadas por dez columnas finamente lavradas, ostentando bellos relevos nas molduras lateraes. Na face central, vê-se uma abertura rectangular. Tem as seguintes dimensões $0,^m63 \times 1,^m75 \times 1,^m26$. Veiu da referida arrecadação. Suppõe-se ter pertencido ao antigo convento da Mãe de Deus.

XVII

Cinco estatuas em madeira de téca, tamanho natural, pintadas a ouro e vermelhão, tendo uma d'ellas um relicario no peito, com cercadura de metal, muitissimo bem trabalhadas. Representam santos, apostolos, padres ou anjos ⁽¹⁾. Vieram da arrecadação da confraria do districto; devem de ter pertencido aos antigos conventos.

XVIII

Legenda:

ESTA CRVS:M:E:
A : R : B : E LOV
R : D : S : DOS RE
MEDIOS NA E
RA D 1667 ↘

Que deve lêr-se:

Esta cruz... (2) em louvor da Senhora dos Remedios, na era de 1667.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, contundida no terço superior da lápide, á direita. Mede $0,^m30 \times 0,^m35$. Inscripção em letras maiusculas, sem entrelaçamentos, mas com muitas abreviaturas. Veiu do adro da capella de N. Sr.^a dos Remedios, onde foi encontrada no chão, a um canto do lado norte ⁽³⁾.

XIX

Fragmento, em pedra de Nagoá, d'um arco, em forma de trapezio, cujas bases medem $0,^m46 + 0,^m25$ e a altura $0,^m59$. Veiu das ruinas do S. Domingos, onde devêra ter feito parte d'algum portico ou frontão.

(1) Vid. *Acta* de 2-4-904, a fl. 4 v. do Liv. competente.

(2) Não percebemos estas abreviaturas.

(3) Vid. cit. *Diu*, p. 116. Parece que deve ter pertencido a uma grande cruz que outr'ora se via n'aquelle adro, do lado do norte.

XX

Legenda :

AEPEDÉ...
 STAS EF....
 R HV PA....
 VAVE.....⁽¹⁾

Nota — Fragmento d'uma lápide em pedra de Nagoá, fôrma d'um pentágono irregular, cujo lado maior mede 0,^m50 e o menor 0,^m25. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu das ruínas referidas no numero antecedente.

XXI

Legenda :

JARDIM
 D. CONSTANÇA
 25-4-99

Nota — Marmore branco. Mede 0,^m21×0,^m18. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Pertenceu ao extinto jardim municipal, que se via no largo *Nuno da Cunha*, d'esta praça ⁽²⁾.

XXII

Legenda :

SEPVLTVRA
 DE DIOGO GLZ
 E SEVS ERDEIR
 OS 1632

Nota — Pedra de Nagoá, partida em quatro bocados. Mede 1,^m63×0,^m71. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu das ruínas do ex-convento de S. Domingos, quando o actual Governador do districto, que a descobrira ⁽³⁾, mandou proceder á remoção dos ossos humanos que ali se encontravam.

⁽¹⁾ Pouco ou nada se pode concluir d'este texto. O fragmento representa o angulo inferior esquerdo da lápide a que pertenceu.

⁽²⁾ Esse jardim foi extinto em outubro de 1902, em vista das continuas estiagens, má qualidade do sólo e falta de recursos do municipio para o sustentar, restaurando-se assim o antigo largo, singelo mas elegante, que ali se vê. Resta de pé o kiosque onde se fazia musica.

⁽³⁾ Vid. o *Relatorio* sobre o governo do districto de Diu, referente a 1899-1900, p. 39.

XXIII

Armas Particulares (1)

Brazão — Um escudo esquartelado. Nada mais se percebe, por o braço estar completamente apagado (2). Provavelmente, são as armas dos Sousas, que tem registo na Torre do Tombo e no Livro dos Reis de Armas (3).

Legenda :

AQVI. YA		Z. IORGE. DE.
SOVSA. FI		LHO. DÑRI
QVE. DE. SOV		SA. QVE. MO
REO. PEIÃO		O. CÔ. OS. MO
VROS. OD		BATALHA. ESTÃ
DO. ESTA. F		LZ. CEIOADA. DO

PODER. DEL. REL. DE. CABBAYA . . ANO. DE. 1546

Que, em texto corrido, deve lêr-se :

Aqui jaz Jorge de Sousa, filho de Anrique de Sousa, que morreu pelejando com os mouros, ao dar batalha, estando esta Fortaleza cercada do poder d'el-rei de Cambaya. Anno de 1546 (4).

Nota — Pedra de Nagoá, partida em cinco bocados. Mede 1,^m18×0,^m52. A' direita do escudo, na parte inferior, pela linha da base, vê-se uma parte cavada, em forma de quadro, com 0,^m13 de lado. A inscrição está toda em letras maiúsculas, com muitos entrelaçamentos e pequenas abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Foi descoberta nas ruínas da antiga Sé do Castello (5).

XXIV

Legenda :

DE GASP
R. DE CVMI
EL. HE SEVS
HERDEIROS
1608
.P .A

Nota — Fragmento d'uma lápide, em pedra de Nagoá. Mede 1,^m73×0,^m55. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu

(1) Occupam o centro da lápide, ficando a inscrição para os dois lados.

(2) Vid. a Revista *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, v. I, n.º 6 (Lisboa, 1900), onde se dá uma photographura d'esta lápide (estampa XXXIV).

(3) Cit. *Arch.-Heraldico*, P. II, p. 168.

(4) Este Jorge de Sousa talvez seja o de alcunha *Diabo* (por ser muito feio), morto em Diu a 11 de nov. de 1546, — Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, T. IV, P. II, c. 64.

(5) Vid. *O Archeologo Português*, v. VIII (1903), n.ºs 7 a 9, p. 182. Ib. *O Oriente Português*, v. III (1906), p. 58. Cit. *Diu*, p. 77, nota (1).

das ruínas do antigo convento de S. Domingos, onde se descobriu no decurso das excavações a que ali se procederam, em outubro de 1900.

XXV

Fragmento d'uma lápide (parte inferior) em pedra de Nagoá, no qual apenas se lê:

DE. IVNHO. DE
1642. ↘

Veiu das ruínas referidas no numero anterior (1).

XXVI

Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m37×0,^m35. Serviu antigamente de relógio de sol. Vê-se ali riscado um quadrado de 0,^m30 de lado, lendo-se no alto da figura os seguintes numeros: 9, 10, 11, 12, 1, 2 e 3; na vertical da direita, de cima para baixo, os numeros 8, 7 e 6; e na da esquerda, no mesmo sentido, os numeros 4, 5 e 6. Do centro da linha da base, partem onze raios para os pontos designados pelos numeros 1 a 5 e 7 a 12. Esteve na plataforma do antigo Baluarte de S. João. Veiu do deposito da Alfandega (2).

XXVII

Legenda:

ESTA SFPVLTVRA
HE DE ANTONIO T
EIXEIRA HE DE SVA
Molher MARIA DI
AS. E DE. SEVS. HER
DEIROS QVE FAL..
CEO EM 17 DE FEVE..
IRO DE 1640 ☉

Nota—Pedra inteiriça de Nagoá, a que parece faltar um bocado, á direita, na altura da 6.^a e 7.^a linhas. Inscrição em letras maiusculas, salvo na syllaba «lher» da 4.^a linha. Sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu das ruínas do ex-convento de S. Domingos (3).

(1) Cit. *Relatorio*, p. 39.

(2) No actual largo (antigo pateo) da Alfandega, existe um outro relógio de sol, em pedra, sustentado sobre uma elegante columna; tem a data de 1625. Vid. *Um Horologio na antiga Diu*, artigo do sr. Rocha e Sá no vol. III d'*O Oriente Português*, pags. 100-105.

(3) Cit. *Relatorio*, p. 39.

XXVIII

Legenda :

DO BOM AO
MAO. HA GRÃO
DIFERENCA.
QVAL. FOR. O
IVIZ. TAL SERA
A SENTENCA
1580

Que deve lêr-se :

Do bom ao máu ha grande differença; qual fôr o Juiz, tal será a sentença.
1580.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m83×0,^m63. Inscrição em letras maiúsculas, salvo na letra «b» da 1.^a linha; coberta de muita cal, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve á direita da Porta da Praia, do lado de dentro, onde Rivara a viu em 1859 (1).

XXIX

Pedra inteiriça de Nagoá, pintada de vermelho, na qual se lê a seguinte data :

EM
1799

Veiu do deposito da Alfandega. Ignora-se a que facto allude.

XXX

Legenda :

ESTA SEPVL
TVRA E DE I
ASINTO BA
RBOZA E DE
SEVS ERDE
IROS AOS
22 DE IANE
IRO DE 1635
ANNOS

Nota — Pedra de Nagoá, partida em tres bocados. Mede 1,^m78×0,^m59. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu das ruínas do antigo convento de S. Domingos (2).

(1) Cit. op., n.º 54. F. N. Xavier, na Illustração Goana (1.º anno.) diz que esta lápide existia na muralha da guarda da praia da parte de dentro.

(2) Cit. Relatorio, p. 39.

XXXI

Legenda :

...A. 3. IObA . . .
 ...OVAM . . .
 ...MATAr . . .
 ...ARE DE . . .
 ...DIA DA . . .

Nota—Fragmento d'uma lápide em pedra de Nagoá, com a forma d'um polígono irregular de oito lados. Mede 0,^m41 (no seu maior comprimento) sobre 0,^m54, na sua maxima largura. Da leitura do texto, pouco ou nada se conclue; parece pertencer alguma lápide de sarcophago, em vista do termo *matar* da 3.^a linha. Inscrição em letras maiusculas, com excepção de dois caracteres na 1.^a e 3.^a linhas; sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu de junto da muralha W da praça, onde foi encontrada no chão.

XXXII

Armas Particulares

Brazão—Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel, as armas dos Falcões—em campo azul tres bordões de S. Thiago, de prata, com os nós vermelhos e ferrados de ouro, postos em pala ⁽¹⁾; no segundo e terceiro quartel, armas imperceptiveis, talvez as dos Castilhos. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Cit. *Resenha*, T. I, pg. 52, no titulo do Visconde d'Almendra (Antonio de Castilho Falcão de Mendonça), que foi senhor dos morgados de Castilho e de Tavora e da casa do Paço d'Almendra.

²⁾ Que são um castello de prata, em campo verde, com portas e frestas de negro e uma flor de liz de oiro sobre a torre do meio. A respeito da familia Falcão—cujas armas teem registo na Torre do Tombo, fl. 14—, diz o sr. Visconde de Sanches de Baena o seguinte: «Temos achado que esta familia não procede de João Falcão, capitão *inglez* que veio ajudar El-rei D. João 1.^o, como diz Villas-boas, e seguem muitos autores, porque no anno 1104 da era de Cesar, fez Falcão Paes doação ao prior de S. Miguel de Pendorada, chamado Miguel, e a seus monges, de Villa-septa, como consta do cartorio do mesmo convento, allegado pelos antiquarios Fr. Bernardo de Braga e Gaspar Alves Lousada: de maneira que este appellido não é alcunha e sim patronimico, porque se acha Pedro Falcão, morador em Chaves, no tempo d'El-rei D. Diniz, e no d'El-rei D. Pedro 1.^o vivia em Evora Lourenço Annes Falcão, e o dito rei lhe contou a sua herdade de Arandens, que El-rei D. Fernando lhe confirmou em 1405 da era de Cesar, muitos annos antes de vir a Portugal o dito João Falcão» (cit. *Arch. — Herald.*, p. I, pg. 65).

Legenda :

AQVI JAZ G. ^o FALCA	M FILHO DE JOE
FALCAM QVE MAT	ARAM OS RUS
MES NO CER	CO DESTA FOR
TALESA CEM	D O CAPITA
DO BALVAR	TE SANTOI ⁽¹⁾
EM OUTUBR	O DE 1538

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 1,^m22×0,^m54. Armas ao centro ; inscripção á direita e á esquerda. Cavada em dous logares : na curva inferior do escudo, á direita, e á esquerda da lápide. Inscripção em caracteres gothicos, maiusculos e minusculos, sem entrelaçamentos, com uma unica palavra — Gonçalo — em abreviado. Veiu do deposito das Obras Publicas. Foi descoberta nas ruinas da antiga Sé do Castello. ⁽²⁾

XXXIII

Legenda :

O MVNDO QVANTO GABA
PARA TVDO EM SEPVLTVRA
NAO QVERAS BEM Q NAO DVRA
NEM TEMAS MAL Q SE ACABA

Que deve lêr-se :

O mundo quanto gaba — pára tudo em sepultura — não queiras bem que não dura — nem temas mal que se acaba.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m60×0,^m84. Inscripção em letras maiusculas, sem entrelaçamentos, com pequenas abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve no antigo muro que fechava o recinto da Alfandega, á esquerda da porta, do lado de fóra, onde Rivara a viu em 1859. ⁽³⁾

⁽¹⁾ Deve ser *Santomé*, onde esse capitão foi morto. Gonçalo Falcão foi um dos mais valorosos companheiros de Antonio da Silveira no 1.^o cerco de Diu. A elle se entregou, a principio, a defesa de um dos *Passos da Ilha*, e, depois de se ter abandonado esta ás forças inimigas, se lhe entregou o cammando do Baluarte de *S. Thomé*, da Fortaleza, onde o mataram a 16 de outubro de 1538. Segundo Castanheda, era filho de João Falcão, o que se não conclue bem da lápide, por não ser muito perceptível a ultima letra da primeira linha, a qual, no entanto, parece antes ser um *E*, e então seria *José* e não João Falcam. Vid. Castanheda, *Hist. do Descob. e Conq. da India*, VIII, 428 ; Lopo de S. Coutinho, *Hist. do Cerco de Diu* (ed. 1890), pg. 176 ; G. Corrêa, *Lendas*, III, p. II, 858 ; João de Barros, *Decadas*, IV, p. II, 667 ; F. de Andrade, *Chronica de D. João III*, v. III, 287.

⁽²⁾ Vid. nota ⁽²⁾ ao numero XXIII d'este Catalogo. Na cit. Rev. *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, v. I, pg. 383, se dá uma photogravura d'esta lápide (est. XXXIII).

⁽³⁾ Cit. op., n.^o 47.

XXXIV

Legenda :

FOI FEITA | ESTA OB
 RA | SOGIGAMDO ⁽¹⁾ | E
 STA | TERA ELREI DO
 M IOAM | O TERCEIR
 O DESTE NOME NOSO
 SOR ⁽²⁾ PADRE DA PATRIA

Nota — Pedra prêta, inteiriça. Mede 0,^m68×0,^m99. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu da plataforma do Baluarte S. Nicoláu (Castello), onde foi encontrada em fevereiro de 1904, voltada ao avêssô. Rivara viu-a em 1859 collocada em uma das paredes d'esse baluarte. ⁽³⁾

XXXV

Legenda :

REEDIFICOU
 SE ESTE CA
 ES EM 1844

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Borda ornamentada. Mede 0,^m44×0,^m75. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve no cães da Alfandega d'esta praça. ⁽⁴⁾

XXXVI

Dois pequenos obuzes de ferro, montados em reparos de madeira, sem rodas, com argolas do mesmo metal. Tem 0,^m25 de comprimento e 0,^m10 de diametro na bocca. Vieram do antigo deposito do material de guerra, no Castello, ignorando se mais detalhes.

(1) Dominando ?

(2) Senhor.

(3) Diz elle : «Esta inscrição existe em uma lápide deslocada do seu respectivo logar, e em tempo esteve cahida no chão da contra-muralha. Agora está na parede dentro do baluarte S. Nicoláu» (cit. op., n.º 5). Vid. o n.º V d'este Catalogo.

(4) Refere-se aos grandes concertos do cães da alfandega da Praça, mandados fazer pelo major do exercito do reino J. J. de Macedo e Couto, que governou Diu de 1842 a 1848, epocha de notaveis melhoramentos no districto.

XXXVII

Figura d'um cavalleiro medieval, trabalhada em pedra inteiriça de Nagoá, — alto relevo. Mede a pedra 1,^m15×0,^m57. Pintada a côres variegadas e armada de azas. Veste saio de ás pregas, capacê de plumas, e cothurnos de atacar por bandas até aos joelhos, vendo-se esculpido n'estes dois rostos humanos. Tem na mão direita um feixe de tres lanças e na esquerda uma cornucopia com as armas reaes. Firma-se sobre uma peanha, em cuja face lateral se lê:

S ANGELVS ORIENTIS CVS

Veiu do deposito alludido no numero antecedente, ignorando-se a sua anterior proveniencia.

XXXVIII

Legenda :

S. Hyeronimo

HE CAZO DEFICVLTOSO, Q
HVM GOZE DOS BES PREZ
NTES, E DOS FVTVROS E Q P
ACE DOS PRAZERES TEMPO
RAES A CONTETAM.^{os} ETERNOS
E QVE SEIA MAIOR CA E LA

Que leia-se :

S. Jeronymo. (1) E' caso difficultoso, que um gose dos bens presentes e dos futuros, e que passe dos prazeres temporaes a contentamentos eternos, e que seja maior cá e lá.

Nota— Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m59×0,^m84. Coberta de muita cal. A inscripção está toda em letras maiusculas, salvo o nome do santo, com poucos entrelaçamentos e ligeiras abreviaturas. Veiu do deposito das Obras Publicas. Esteve no muro da Alfandega, á direita da porta, do lado de fora, onde Rivara a viu em 1859. (2)

(1) Traz o nome d'este doutor da Egreja, talvez por se lhe attribuir o pensamento que a lápide exprime.

(2) Cit. op., n.º 45.

XXXIX

Legenda :

ESTA CASA da SAmtA mZA mAmd
 ou fAzer dom bernAldim dA Si
 LUA ⁽¹⁾ Anno del rei noso sōr semd
 o ProuAdor dela : desmoLAS
 que hele e os irmAos tirAram
 nestA fortALezA dos fieis cris
 tAos : era de 542 LUIS neto a fz

Que deve lêr-se :

Esta Casa da Santa Misericordia, mandou fazer Dom Bernaldim da Silva, amo (aio ?) d'El Rei nosso Senhor, sendo Provedor d'ella, d'esmolos que elle e os irmãos tiraram n'esta Fortaleza dos fieis christãos; era de 1542 — Luis Neto a fez.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m51×1,^m30. Inscrição em caracteres gothicos, quasi todos minúsculos, com poucas abreviaturas, sem entrelaçamentos. Veiu das ruínas da antiga Misericordia do Castello, onde Rivara a viu «na parte interior, á esquerda da porta lateral». Estava completamente soterrada e foi posta a descoberto em dezembro de 1903, pelo actual sr. Governador do districto, no decurso das excavações a que mandou proceder com o fim de a encontrar. ⁽²⁾

XL

Fragmento d'um antigo retabulo, em madeira de téca, lavrado em alto relevo. Mede 1,^m86×1,^m28. Estilo antigo. Tem no centro uma abertura em oval, protegida interiormente por uma concha lavrada e dourada. Veiu da sacristia do antigo convento de S. Francisco d'Assiz, actual Hospital militar.

XLI

Granadas.....	4 pares ;
Ditas	ib.
Lanternêtas	ib.

Vieram do deposito de material de guerra, do Castello, a cujo antigo municiamento pertenciam.

⁽¹⁾ Vid. cit. Rev. *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, v. II, pg. 690 — nota ⁽²⁾.

⁽²⁾ Cit. op., n.º 94. Vid. «A Misericordia de Diu» n' *O Oriente Portuguez*, v. I, pg. 44.

XLII

Miniatura da Fortaleza (1), em pedra inteiriça de Diu (2). Representa minuciosamente o Castello, com ligeiras imperfeições, em escala reduzida (3), não muito exacta. Tem, de leste a oeste, o comprimento de 0,^m78, — de norte a sul, a largura de 0,^m66, — e a altura de 0,^m22, desde a base da *Cavalleiro* até ao cimo da torre do pharol. Numerada por partes. Contém o seguinte :

- N.º 1 — Fôssó aquático (externo) ;
- » 2 — Dito sêcco (interno) ;
- » 3 — Entrada d'oeste ; (4)
- » 4 — Ponte (outr'ora levadiça) ; (5)
- » 5 — Caés da travanda ; (6)
- » 6 — Ex-capella de S. Martinho ; (7)
- » 7 — Pateo do mesmo nome ;
- » 8 — Ruínas da Misericórdia ; (8)
- » 9 — Antiga Secretaria ;
- » 10 — Deposito do material de guerra ; (9)
- » 11 — Calabouço actual ;
- » 12 — Armazem ; (10)
- » 13 — Antigo quartel de artilheiros ;
- » 14 — Jardim de balas ; (11)
- » 15 — Antiga cadeia ; (12)
- » 16 — Largo da parada ;
- » 17 — Antigo palacio dos Castellães ;
- » 18 — Actual quartel ;
- » 19 — Antigo oratorio privado ;
- » 20 — Baluarte *S. Domingos* ; (13)

(1) Cit. *Diu*, pg. 52, I. IV.

(2) Pedra amarella ; é trabalho do cit. D. Narane.

(3) Aproximadamente de $\frac{1}{500}$.

(4) Feita em 1544, pelo cap. Sousa Sepulveda — cit. op., pg. 51, I. II.

(5) Feita em 1630, pelo cap. D. Pedro Mascarenhas — ib. loc., pg. 54, I. XII ; cf. cit. n.º II com a I. n.º XXXIV (pg. 60).

(6) Cáes-ponte onde antigamente se fazia aguada.

(7) Feita em 1546, em commemoração da grande batalha campal ganha por D. João de Castro, em novembro d'esse anno — cit. op., pg. 77, XCLV. Vid. nota (1) ao n.º LXV d'este Catalogo, *in fine*.

(8) Vid. o n.º XXXIX do presente Catalogo.

(9) Feito em 1650, pelo cap. Moniz da Silveira — cit. op., pg. 57, I. XXV.

(10) Vid. o n.º 10.

(11) Assim chamado por ser o logar onde ellas se guardavam.

(12) Feita em 1604, pelo cap. Gotteres de Monroy — cit. *Diu*, pg. 53, I. X.

(13) Feito em 1639, pelo cap. Francisco da Silveira — cit. op., pg. 55, I. XX.

- » 21 — Baluarte *S. Nicolau*; ⁽¹⁾
- » 22 — » *S. Filippe*; ⁽²⁾
- » 23 — » *Menagem*; ⁽³⁾
- » 24 — » *Cavalleiro*; ⁽⁴⁾
- » 25 — » *S. Thiago*; ⁽⁵⁾
- » 26 — Capella de *S. Thiago*; ⁽⁶⁾
- » 27 — Baluarte Chato; ⁽⁷⁾
- » 28 — Antiga residencia dos sargentos;
- » 29 — Outro quartel antigo;
- » 30 — Antiga Arrecadação;
- » 31 — Outros antigos quarteis;
- » 32 — Antigo quartel da Guarda Municipal; ⁽⁸⁾
- » 33 — Antigo calabouço dos officiaes inferiores;
- » 34 — Antigo armazem;
- » 35 — Antiga casa d'polvora e armas; ⁽⁹⁾
- » 36 — Baluarte *S. Jorge*; ⁽¹⁰⁾
- » 37 — Antiga paiol; ⁽¹¹⁾
- » 38 — Cisterna do Rei; ⁽¹²⁾
- » 39 — Cisterna da Rainha; ⁽¹³⁾
- » 40 — Antiga casa de armas e munições; ⁽¹⁴⁾
- » 41 — Baluarte *S. Thereza*; ⁽¹⁵⁾

(1) Id. em 1545, pelo cap. Sousa Sepulveda — cit. op., pg. 51, *I. III*. Entre este Bal. e o anterior corre uma cortina por detraz da qual ficam as ruínas d'umas antigas cavallariças.

(2) Já existia em 1634, anno em que Bocarro escreveu o seu *Livro das Plantas*, etc.

(3) Parece que foi feito em 1642 — cit. op., pg. 54, *I. XVI*. Vid. o n.º VIII do presente Catalogo; ou talvez seja o antigo Bal. *S. João*.

(4) Feito em 1636, pelo cit. cap. Silveira, o 1.º cavalleiro da Ordem de Christo que veio á India — cit. op., pg. 55, *I. XIX*.

(5) Reedificado em 1709, pelo gov. Pereira Berredo — cit. op., pg. 59, *I. XXXII*. Este Bal. e os dois anteriores formam a 2.ª linha de defesa do Castello a oeste, ligada á primeira por uma ponte d'alvenaria sobre o fôssco interno (sêcco).

(6) Reedificada em 1623, 1777 e 1810 — cit. op., pg. 78, *I. XCVII a XCIX*.

(7) Ignoramos a data de sua construcção.

(8) Entre este e o Bal. *Chato* existe uma vasta cisterna.

(9) Feita em 1632, pelo cap. F. da Silveira — cit. *Diu*, pg. 55, *I. XVII*.

(10) Ou *S. Martinho*. Feito em 1522, pelo cap. Sepulveda — cit. op., pg. 51, *I. I*.

(11) Reedificado em 1680, pelo cap. Sá e Menezes — cit. op., pg. 58, *I. XXIX*.

(12) Mandada fazer em 1538, por Nuno da Cunha; a ella se referem Diogo de Couto e Lopo de Sousa Coutinho, nas suas obras.

(13) Feita em 1643 — cit. op., pg. 56, *I. XXII*.

(14) Feita em 1643, pelo gov. Miranda Henriques — cit. op., pg. 56, *I. XXIII*.

(15) Feito em 1652, pelo cap. D. João de Mello; reedificado em 1758, pelo cast. Corrêa de Sá — cit. op., pg. 57 e 60, *I. XXVII e XXXV*.

- » 42 — Baluarte *St.^a Luzia* ; ⁽¹⁾
- » 43 — Ruínas da Sé ; ⁽²⁾
- » 44 — Antigos quarteis ;
- » 45 — Couraça grande ; ⁽³⁾
- » 46 — Paiol ; ⁽⁴⁾
- » 47 — Couraça pequena ;
- » 48 — Pharolim da ráda ; ⁽⁵⁾

Adquirida por compra.

XLIII

Duas columnas incompletas, em madeira de téca. Mede, cada uma, 2,^m09, com 0,^m41 de diametro no circulo da base. Ordem corinthia ; juste em caméluzas, pedestal alto e elegante, com molduras em alto relevo, em parte deterioradas. Vieram da arrecadação da confraria de N. Sr.^a do Rosario, para onde foram transferidas, provavelmente, de algum dos extinctos templos da Praça.

XLIV

Duas peças de ferro, de carregar pela bocca, montadas em reparos de marinha, de madeira, pintadas de negro, e servidas, cada uma, por 200 balas do mesmo metal. Tem as seguintes dimensões: comprimento 0,^m80 — diametro da alma, na bocca, 0,^m055 — diametro da culatra 0,^m16. Vieram do deposito de material de guerra, do Castello. Devem de ter pertencido á antiga Armada do Norte.

XLV

Um par de soquêtes grandes, com lanádas, um dito médio e um pequeno (este sem lanáda), todos com cabos de madeira, medindo, respectivamente, 3,^m89 — 3,^m09 e 1,^m51. Vieram do deposito referido no numero antecedente.

XLVI

Cruz de madeira, pintada de vermelho-claro, ás listas. A haste e os braços medem, respectivamente, 5,^m60 e 2,^m60. O rectangulo do tópo mede 0,^m53 $\times$ 0,^m16, e apresenta na sua face dianteira a historica inscripção em tres

(1) Feito em 1650, pelo cap. Moniz da Silva — cit. op., pg. 57, I. XXIV.

(2) Primitiva egreja de S. Thomé, edificada por Nuno da Cunha, em 1536.

(3) Feita no tempo de Melique Yáz ; reformada em 1900.

(4) Vid. n.º 37.

(5) Construido em 1901.

linguas — latim, hebraico e grego ⁽¹⁾, vendo-se porém alguns dos respectivos caracteres esculpidos ao avêso.

Reza a inscrição :

IESVS NAZARENVS REX IVDEORVM
IECOC NAZAPENOC BACIVEYCIQVAION
..... ⁽²⁾

Munida de dois gornes na parte superior da haste e, a meio d'esta, apresenta uma fresta em sentido longitudinal; pelo que parece que devia de ser empregada, outr'ora, á sexta-feira santa, na representação do Descendimento do Senhor. Veiu da arrecadação da confraria de N. Sra. do Rosario, para onde foi transferida, em 1902, d'um deposito que existia vis-à-vis á escola régia de meninos.

XLVII

Pia de agua benta, em pedra de Nagoá, comprehendendo tres partes : pedestal, fuste e aquario. Mede 1,^m36 de alto, com 0,^m35 de diametro na bocca da pia. A base divide-se em quatro secções, rematadas por uma cornija circular; fuste cylindrico, com labores em alto relevo; aquario em forma de concha, estriada por fóra. Veiu das ruínas da Sé do Castello.

XLVIII

Ancora de ferro, sem cêpo. A haste, até ao arganéu, mede 2,^m50, e cada braço 0,^m86. Pertenceu á velha Galia «Illustre Visconde de Torres-Novas», da extincta marinha d'esta praça ⁽³⁾ Veiu do deposito da Alfandega.

XLIX

Miniatura do monumento que se diz de D. Fernando de Castro ⁽⁴⁾, em pedra amarella de Diu. Mede 0,^m21 de alto, e assenta sobre tres ordens de degraus que medem 0,^m16 × 0,^m15. ⁽⁵⁾ Adquirida por compra.

⁽¹⁾ S. João, cap. 18 & 19.

⁽²⁾ Parecem hebraicos os caracteres que substituímos por esta linha.

⁽³⁾ Esta *Galia* chamava-se antes «Illustre Portugal e Castro»; foi reconstruida em 1859, no extincto Arsenal de Diu, pelo governador Romão de Sousa, que a deitou ao mar com esse novo nome, a 31 de março d'esse anno.

⁽⁴⁾ Vid. *Onde se sepultou D. Fernando de Castro?* na cit. Rev. «O Oriente Português», V. III, pg. 49.

⁽⁵⁾ Foi feita pelo mesmo artifice que fez a miniatura descripta sob o n.º X d'este Catalogo.

L

Miniatura do monumento, existente no Terreiro do Castello, que se diz de Rumeção (chefe mouro), em pedra amarella. Mede 0,^m25 de alto, e assenta sobre cinco ordens de degraus (fórma hexagonal) que medem 0,^m10 de lado. (1) Adquirida por compra.

LI

Miniatura do monumento que se diz de Coge-Cofar (chefe inimigo), em pedra amarella. Mede 0,^m32 de alto, e assenta sobre um quadrado com 0,^m07 de lado; o fuste da columna, em estrias, mede 0,^m12, com 0,^m04 de lado para o quadrado do capitel. (2) Adquirida por compra.

LII

Lápide em pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m65×0,^m55. Borda ornamentada. Tem a inscripção completamunte apagada, lendo-se apenas na 1.^a linha as palavras *Sendo e Geral do*, em caracteres maiusculos. Veiu do quintal do Palacio do Governo do districto. (3)

LIII

OUTUBRO

1874

Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m27×0,^m30. Foi encontrada no Largo da Parada, do Castello, abandonada a um canto. Ignora-se a sua proveniencia anterior.

LIV

Tres fragmentos, que se suppõem d'uma mesma lápide, vindos das ruínas da antiga Sé do Castello. Inscripção em letras maiusculas, algumas entrelaç-

(1) Vid. nota (3) ao numero antecedente.

(2) Idem.

(3) Onde por muito tempo serviu de pedra de moer tintas, despercebida de todo, até que pelo actual governador sr. Moura foi mandada remover para o Museu. Rivara parece que não a viu, porque não falla em nenhuma lapide que contenha essas palavras na 1.^a linha.

das, outras incompletas. No fragmento maior, que mede $0,^m54 \times 0,^m72$, lê-se ;

. N A
 PADRE
 . . O BELCH .
 . RZ DE V . .
 . EPVLT VRA
 D

Lê-se no segundo fragmento :

. . AZ BER

E no terceiro, simplesmente :

. O

Parece que se trata d'uma lápide tumular. ⁽¹⁾

LV

Fragmento d'uma lápide em pedra de Nagoá. Mede $0,^m32 \times 0,^m70$. N'elle se lê :

VIIIAZAR
 VIIIAO3O

Nada se percebe do texto. Foi encontrado fazendo parte do calcetamento d'uma antiga rua do Castello, á retaguarda da cisterna grande (do Rei).

LVI

Armas Particulares

Brazão — Um escudo com as armas dos Almeidas — em campo vermelho seis besantes de ouro entre uma cruz dobre, e bordadura do mesmo metal. Sem corôa. Timbre : uma aguia negra estendida, armada e besantada de prata. ⁽²⁾ Occupa quasi meia lápide.

(1) Referir-se-ha ao Padre Belchior Gonçalves de que trata o Doc. n.º 111 do Archivo-Portuguez-Oriental, fasc. V, p. 224 ?

(2) Têm este mesmo brazão as casas dos Condes d'Almeida e d'Avintes e do Barão de Claros (casa de Penalva) — cit. *Resenha*, V. I, p.ª 39, 176 e 458. A respeito da familia Mello, a que lápide se refere, e que passa por uma das mais antigas e illustres de Portugal, vide o cit. *Archivo Heraldico-Genecologico*, P. II, p. 109 ; Mem Soares de Mello foi o seu tronco, e d'elle descendeu Vasco Martins de Mello, senhor de Castanheira, em cujo poder esteve preso o Mestre d'Aviz (mais tarde El-Rei D. João I), por industria da famigerada D. Leonor Telles e do Conde d'Andeiro (João Fernandes). Estas armas teem registo na T. do Tombo, a fl. 10 do Lv. competente.

Legenda :

NESTA SEPVLTVRA ESTA
 MANOEL DE MELLO ⁽¹⁾ CAP
 ITAO E GOVERNADO
 R QVE FOI DESTA FOR
 TALEZA FALECEO
 AOS 8 DE MARÇO DE
 1678
 P . . . AVE

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 2,^m11×1,^m04. A inscrição está toda em letras maiusculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu do adro do antigo convento de S. Francisco d'Assiz, hoje Hospital Militar. ⁽²⁾

LVII**Legenda :**

PRINCIPIANDO A GOVE
 RNAR . ESTA . PRACA
 HIERONIMO DO VADRE
 REBELLO MANDOV
 CONTINVAR . COM
 A MVRALHA . DESTE
 LVGAR POR . DIANTE
 E FAZER . A PORTA . PE
 QVENA . QVE SE SEGVE
 E IVNTAMENTE POR
 LHE . PORTAS . E FAZ
 ER . O BALLVARTE . Q
 VE . SE SEGVE . A QVE
 POS A INUOCACÃO
 DA MAL . DE DEOS E
 CONTINVAR . COM A MESMA . MV
 RALHA . ATHE O ULTIMO PADRAÕ
 QVE NELLA FECA . ANNO DE 1725.

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m17×0,^m90. Borda ornamentada. Inscrição em letras maiusculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas;

⁽¹⁾ Governou desde 1675 a 1678.

⁽²⁾ Vid. Rivara, cit. op., n.º 107.

nas tres ultimas linhas, o feitio dos caracteres varia um pouco. Veiu do parapeito marginal em frente do edificio do Tribunal. ⁽¹⁾

LVIII

Armas Particulares

Brazão — Um escudo esquartelado — no primeiro e terceiro quartel, sete flores de liz; no segundo, um edificio de tres torres, e no quarto um lobo. Sem corôa, nem timbre. Cercadura de ramagens. ⁽²⁾

AQI JAZ GIL VAS
 LOBO FREIRE ⁽³⁾ GO
 VERNADOR QVE
 FOI DESTA FORTZA
 FALECEO EM OS
 2 DE MARCO DE
 1704
 PADRE N. E AVE

Nota — Pedra de Nagoá, partida em dous bocados, ao terço superior. Mede 2,^m10×0,^m90. Inscrição em lettras maiusculas, sem entrelaçamentos, com uma abreviatura. Veiu do adro do ex-convento de S. Francisco ⁽⁴⁾.

LIX

Armas Particulares

Brazão — As armas dos Mendonças — um escudo franchado de verde e oiro; sobre o verde uma banda encarnada, perfilada de ouro, e nos dois angu-

⁽¹⁾ Devia ter sido primitivamente collocada na antiga muralha ao norte da Praça, mandado abater em 1893. Refere-se á construcção do lanço d'essa muralha desde o local d'onde se tirou a lápide até á primeira ponte do Castello (cit. *Diu*, I. n.ºs LXVII e LXIX). Vadre Rebello governou Diu duas veses — a primeira de 1725 a 1728 (fevereiro), e a segunda de 1732 a 1734. Rivara leu esta lápide mas não diz onde, cit. op., n.º 68.

⁽²⁾ Os Freires em Portugal, diz o sr. Visconde de Sanches de Baena, procedem de Nuno Freire de Andrade, de cujas armas usam. Os Andrades são de Galliza, onde tiveram o seu solar na villa do mesmo nome — cit. *Arch. Herald. Geneologico*, T. II, p. 73.

⁽³⁾ Lobo Freire foi castellão-governador de Diu desde 1702 a 1704; no seu tempo grassou com muita intensidade a peste bubonica em Diu, a qual parece o victimou — vid. cit. *Rev. O Oriente Português*, v. I, p. 298. Tambem governou Macáu (cit. op. do sr. Gabriel Fernandes).

⁽⁴⁾ Rivara, cit. *Inscrição de Diu*, n.º 108.

los, respectivamente á direita e á esquerda, lettras azues que dizem AVE MARIA. Sem corôa. Timbre imperceptível. Cercadura de ramagens ⁽¹⁾.

Legenda :

A TERRA QVE ESTA CAMPA CO
BRE FOI A QVE COBRINDO
DESCOBRIU QVE ERA TE
RRA O CORPO DE MANOEL FUR
TADO DE MENDONCA ⁽²⁾ FIDALGO
DO CONSELHO E GOVERNA
DOR DESTA PRACA QVE SER
VIO A SVA Magestade d
ESDE O ANO 1646 THE
O PRESENTE DE 1685 A
17 DE JVNHO EM QVE FA
LECEO. PEDE HVM P. NOSSO

Nota — Pedra de Nagoá, partida em dois bocados, ao terço superior, na base das armas. Mede 2^m,47×1^m,10. Inscrição em lettras maiúsculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas, muito deteriorada. Veio do adro do ex-convento de S. Francisco d'Assiz, onde Rivara a viu em 1859. ⁽³⁾

LX

Armas Particulares

Brazão — Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel, em campo de prata um leão sanguinho ⁽⁴⁾; no segundo e terceiro, no mesmo campo, as quinas do reino, sem a orla dos castellos. Encimado por uma corôa de visconde. Sem timbre. ⁽⁵⁾

⁽¹⁾ Estas armas são também as dos Condes de Val de Reis (do Rio, alcaides de Mourão) e d'Azambuja (D. Antonio Rolim de Moura), a que pertencem as casas de Loulé, Belmonte e Linhares — cit. *Resenha*, T. I, p. 179. Estes são os Mendonças Laços, porque ha também os Mendonças Arraes, dos quaes descenderam n'este reino dois insignes secretarios e ministros de estado — cit. *Arch. Herald. Genealogico*, T. II, p. 111.

⁽²⁾ Cit. *Diu*, p. 32. Era governador de Diu em outubro de 1684, segundo se lê em Teixeira d'Aragão, na *Descrip. Geral de Moedas etc.*, III, 557, Doc. 105. Nada mais sabemos a seu respeito.

⁽³⁾ Cit. op., n.º 163, em que se lêem mais estas palavras e *Ave Maria*, no fim.

⁽⁴⁾ Que alguns trazem com uma grinalda de flores na cabeça — cit. *Archivo etc.*, P. II, p. 168.

⁽⁵⁾ Este escudo, tirante a inversão dos quartéis, é copia da segunda pala do brazão da casa d'Alva e da dos Souzas do Prado e Souzas Chichorros, que adoptaram os Souzas Coutinhos, que procedem d'aquellas duas antigas familias — cit. *Resenha*, T. I, p. 75. Tem inscripção no Lv. dos Reis de Armas.

Legenda :

AQVI IAS DOM FR ⁽¹⁾ DE S
 OVZA CAPITAO E GOV
 ERNADOR QVE FOI D
 ESTA FORTALEZA Q
 VE FALECEO AOS 18
 DE DEZEMBRO DE 1
 663 ANNOS. E. PEDE.
 A QVEM ESTE LER HV
 P. NOSSO E HVA A. M.

Nota.— Pedra de Nagoá, partida em dois bocados, ao quarto superior. Inscrição em letras maiúsculas, com ligeiros entrelaçamentos e pequenas abreviaturas. Mede 2 metros $\times$ 0^m,88. Veiu do adro do ex-convento de S. Francisco, onde Rivara a viu em 1859. ⁽²⁾

LXI**Armas Particulares**

Brazão — Escudo dividido em palas, dentro d'uma oval, ao quinto superior da lápide, com a seguinte legenda por baixo, á volta :

D. JORGE A. DE MELLO G.^o

Na primeira pala, as armas dos Mellos — em campo vermelho seis besantes de prata entre uma cruz dobre; a segunda pala esquartelada, tendo no primeiro e quarto quartel seis escudetes, e no segundo e terceiro uma quaderna de crescente em santor. ⁽³⁾

Legenda :

SE SILVEIRA E MASCARENHAS
 FIRMARAM ESTE ALÇAÇAR,
 QUASE REDUZIDO EM....., ⁽⁴⁾
 COM AUDAZ VALOR SEM PAR!
 TU ESFORÇAS CO' O CAMARTELLO
 TIRAR A' RUINA..... ⁽⁵⁾
 ESTA ANTIGA MEMORIA
 DA NOSSA..... ⁽⁶⁾

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m88 $\times$ 0,^m63. Borda ornamentada; esculpida nos angulos internos. Inscrição em letras maiúsculas, sem en-

⁽¹⁾ Francisco.

⁽²⁾ Cit. op., n.º 106, em que está errada a data do dia — 10 em vez de 18.

⁽³⁾ Não se distingue bem esta pala.

⁽⁴⁾ Imperceptível.

⁽⁵⁾ Idem.

⁽⁶⁾ Idem.

trelaçamentos nem abreviaturas, mas quasi apagada, de difficil leitura. Veiu do parapeito marginal, em frente do bazar de hortaliça, onde estivera encravada (1).

LXII

Armas particulares

Brazão — Reduzido a bocados, muito deteriorado, imperceptível. O escudo parece esquartelado, pelo que parece não pertencer á familia Lencastre, a qual, como a casa da Louzã, tem o seu escudo partido em pala, tendo na primeira o escudo real, e na segunda tres troncos em campo de ouro (2). Sem corôa, nem timbre. Cercadura de ramagens

AQVI ESTA SEPULTADO
P. . . . SZ (3) DE LENCA
STRO Q. FALECEO GOVE
RNANDO ESTA FORTAL
EZA AOS 6 DE IAN. DE 1692
PA. . . . (4) LER ESTE
. (5) P. NOSSO
A. M. PELO AMOR DE DS (6)

Nota — Pedra de Nagoá, partida em dois bocados. Mede 1,^m95 × 0,^m87. Inscrição em letras maiúsculas, com ligeiros entrelaçamentos e pequenas abreviaturas. Veiu do adro do ex-convento de S. Francisco, onde Rivara a viu em 1859. (7)

(1) Ignoramos a sua anterior proveniencia. Rivara não falla d'esta lapide. Vid. cit. *Diu*, p. 69, nota (2).

(2) Cit. *Resenha*, T. II, p. 100.

(3) Pedro de Souza.

(4) Imperceptível.

(5) Idem.

(6) Pedro de Souza Lencastre, a quem a lápide diz respeito, governou Diu de 1681 a 692 — cit. *Diu*, p. 33.

(7) Cit. op., n.º 109, em que está errada a data do anno 1602, em vez de 1692.

LXIII

Legenda :

SENDO DIGNISSIM.^o G
 OVVERNADOR (sic) DESTA
 PRACA ANT.^o DA SILVA
 TELLO E MES ⁽¹⁾ SE FES ESTE
 QVARTEL P.^a ASISTENCIA
 DOS OFC.^s DA COMP.^a E SE
 FES HVM DEPOSITO DO
 S CRIMINOSOS APANHA
 DOS DE NOVTE E SE FES
 HV NOVO 4.^oL ⁽²⁾ AO CAP. 1712

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá, coberta de muita cal. Mede 0,^m85×ib. A inscripção está toda em letras maiúsculas, com varios entrelaçamentos e algumas abreviaturas. Pertenceu ao antigo quartel da Porta do Campo, onde Rivara a viu por cima do calabouço ⁽³⁾, e foi encontrada pelo actual sr. Governador do districto a servir de tecto a um cano real que existe no pateo contiguo a essa Porta, no decurso das obras que ahi ultimamente se fizeram.

LXIV

Dois fragmentos d'uma columna em pedra, de architectura egypcia, segundo parece. Mede, cada, 0,^m45×0,^m25. Vieram das ruínas da mesquita velha d'esta Praça, junto á actual distillatoria official.

LXV

Brazão — Um escudo esquartelado ; no primeiro quartel, as armas dos Castros -- em campo de oiro, treze arruêlas de azul, em tres palas ⁽⁴⁾; no segun-

(1) Menezes. Vid. o n.^o I d'este Catalogo.

(2) Quartel ou quarto ?

(3) Cit. op., n.^o 63, em que vem errada a data 1717, em vez de 1712.

(4) São as armas dos Castros Pamplonas (caza de Rezende), de que tambem usam os srs. Conde de Monsanto (Castro Noronha), Conde de Nova-Goa (Castro Almeida), Visconde de Portalegre (Castro de Refoios), Visconde de Roriz (Castro Moraes) e Viscondes de Tavira, da Ribeira d'Alijó, da Arriaga e da Torre do Moncôrvo. Merece transcrever-se n'este logar o que diz da nobilissima familia Castro o sr. Visconde de Sanches de Baena, a pag. 44 do T. I do cit. *Archivo-Heraldico-Geneologico* : — «Esta familia è illustrissima em Portugal e Castella, d'onde passou para este reino. A sua varonia é constantemente real ; tomou o apellido do se-

do quartel, as armas dos Henriques — castello de ouro, em campo mantelado de

nhorio da villa de Castro Xeres, por haver casado D. Fernando, filho de D. Garcia, rei de Portugal e de Galliza, com D. Maria Alvares, senhora d'aquella villa, descendente de Lain Calvo e de Nuno Rasura. Tem em Castella a casa dos condes de Lenos, grandes de Hespanha; em Portugal a dos antigos condes de Basto, de Monsanto, de Mesquitella, senhores de Cadaval, a de Boquilobo, e a dos almirantes do reino condes de Resende. São suas armas antigas, em campo de oiro (a) 13 arruêlas de azul em 3 palas; timbre, um leão de oiro nascente. D'estas usaram os condes de Bastos e usam os condes de Rezende, almirantes do reino. A casa de Monsanto, e as que d'ella procedem, usaram sómente de seis arruêlas de azul em duas palas, em campo de prata. (b) A razão d'esta differença provém da disputa que tiveram D. Alvaro Pires de Castro, senhor das Alcaçovas, com seu tio D. Alvaro Pires de Castro, senhor de Arraiolos: não querendo que este por ser bastardo trouxesse as armas dos Castros direitas; e para terminar a questão ordenou o rei que trouxesse o bastardo só seis arruêlas, e não treze, como os legitimos, e como as trazia a rainha D. Joana de Castro, sua tia, mulher do rei D. Pedro de Castella; e o conde de Arraiolos usou d'ahi por diante só das seis; e por causa da bastardia as trazem tambem os Castros de Melgaço, como descendentes dos de Fornellos, que tambem pela mesma causa usaram só das seis. O timbre da casa de Monsanto é um caranguejo de prata arruelado de azul. Os descendentes de D. Alvaro de Castro, filho do grande D. João de Castro, vice-rei da India, tomaram por timbre a roda de navalhas de Santa Catharina, em memoria de ser o dito D. Alvaro armado cavalleiro á vista do monte Sinai por D. Estevam de Gama; ambos os escudos se acham no livro da Torre do Tombo.»

Dâmos aqui esta noticia historico-geneologica possivelmente desenvolvida, por nos parecer de justiça que se constate no presente Catalogo a grandeza nobiliarchica da familia do virtuoso e homerico libertador da Fortaleza de Diu, cujas armas ahi se vêem em mais de um logar. D. João de Castro descendia dos Castros de Arraiolos, visto figurarem no respectivo escudo sómente seis arruêlas. Uma antiga lápide existente na ex-capella de S. Martinho, do Castello, e remetida para Lisboa em 1896, rezava assim:

ESTA CASA SE FEZ EM LOVVOR DE NOSSO SÕR
E DO BEMAVÊTURADO SAMART.º PORQUE EM SE
V DIA DESBARA TOV O G.ºR DÕ J.º
DE CRASTO (c) TODO O PODER DE-
L-REY DE CABAIA Q TINHA CERC
ADA ESTA FORTALEZA E NO MES
MO DIA PER FORÇA D'ARMAS LHE
TOMOV A SVA NOBRE CIDADE E IL-
HA DE DIO — 1546

Vid. Aragão — cit. *Descripção* etc., T. III, p. 135, *Diu*, p. 77 nota (2); cit. *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, II, 768,

(a) Em campo de prata, segundo diz Silveira Pinto na citada *Resenha*, T. II, p. 397.

(b) As principaes familias, da primeira nobreza do reino, que fizeram e fazem uso d'estas armas, em escudo lizo, partido ou esquartelado, são as seguintes: Viscondes de Arcozello (Texeira de Castro), da Arriaga (Pinto de Magalhães) e de Borges de Castro, Condes de Castro (Gomes de Castro) e das Galvéas (Mello e Castro), Baronezas do Hospital (D. Ismenia Pinto Villar), e de Nevogilde (D. Carlota Moraes e Castro), Barões de N.Sra. da Saude (Carreira de Castro), de Paranhos (por sua esposa D. Maria de Castro Mello Soares d'Albergaria) e de Parapita (por sua esposa D. Mathilde de Moraes e Castro), Visconde da Ribeira d'Alijó, da Côte (Castro Ribeiro), de Castro Silva e de Tinalhas (Castro e Camara) e Conde da Vianna da Foz do Lima (titulo incorporado ás cazas dos Marquizes de Cascaes de Monsanto).

(c) Escudo que se não pôde reproduzir aqui.

prata, com dois leões batalhantes de purpura, linguados de vermelho ⁽¹⁾; no terceiro quartel, as quinas reaes, sem a orla dos castellos, sobrepostas a um cordão de S. Francisco, posto em aspa; e no quarto quartel, seis besantes de oiro entre uma cruz dobre. Encimado por uma corôa de visconde. Sem timbre.

Legenda:

AQVI IAS DOM PEDRO
HENRIQUES ⁽²⁾ CAPITÃO
E GOVERNADOR QVE
FOI DESTA FORTALEZA
QVE FALECEO AOS 28
DE FEVEREIRO DE .1. 66. 1. PE
DE PELO AMOR DE DS
A TODOS QVE LEREM
ESTE LETREIRO HV PA
DRE NOSSO E HVA A. M.

Nota — Pedra de Nagoá, partida em sete bocados, em diferentes logares. Mede 2,^m34 × 1,^m05. Inscrição em letras maiúsculas, com alguns entrelaçamentos e ligeiras abreviaturas. Veiu do adro do antigo convento de S. Francisco de Assiz, onde Rivara a viu em 1859. ⁽³⁾

LXVI

Fragmento d'uma lápide, em pedra de Nagoá. Mede 0,^m24 × 0,^m31. N'elle se lê:

LVSO ∞

Foi encontrado no predio denominado Nalium, extramuros da Praça, no decurso d'umas excavações a que ali se procederam.

LXVII

Armas Particulares

Brazão — Muito deteriorado, imperceptível. Talvez as armas dos Saldanhas.

(1) Vid. sr. Conde de Sabugosa — *O Paço de Cintra*, p. 190.

(2) Este nome é um patronimico de Henrique, convertido pelo uso em appellido — cit. *Archivo*, etc., II, p. 86.

(3) Cit. op., n.º 105, em que vem errada a data do dia, 29 em vez de 28.

Legenda :

AQVI IAS ANTONIO DA SALDANHA
CAPITAO QVE FOI DESTA FORTALEZA
QVE FALECEO AOS TRINTA DE DEZEMBRO
DE 1661 QVE PEDE AOS QVE ESTE LEREM
HVM PADRE E HVMA AVE MARIA

Nota — Pedra de Nagoá, partida em dois bocados, ao terço superior. Mede 2,^m20 sobre um. Inscrição em letras maiúsculas, sem entrelaçamentos, nem abreviaturas. Veiu do adro de S. Francisco, onde Rivara a leu em 1859 (1).

LXVIII**Legenda :**

ASPARE..(2) ZHE
DOS SEVS ERDEIR
OS | EP | DIN | OS AO
E | TE | R | NO
S | V | C | HV
PA | ER | NO | TER
E AVE M.^A POLO AM
O | DE | SO | AOS
7 | AS | GO | TO
D | A | 5 | 8

Nota — Pedra inteiriça de Nagoá. Mede 1,^m65×0;^m90. Cortada longitudinalmente em seis fendas cu frestas, tres em cada metade, medindo cada uma 0,^m47×0,^m01. Inscrição em letras maiúsculas, cobertas de muita cal, rijamente adherida á lápide, contendo varios entrelaçamentos e pequenas abreviaturas. Muitos caracteres cortados pelas frestas. Evidentemente, foi uma lápide de sarcóphago, do seculo XVI. Veiu de junto da casa da guarda, ás Portas do Campo (3).

LXIX

Esculptura em pedra inteiriça de Nagoá, representando uma cabeça de dragão, com a lingua de fóra e os dentes á mostra. Tem as seguintes dimensões: 0,^m90×0,^m35×0,^m30. Veiu das ruínas da Sé do Castello, onde, provavelmente, servia de cano para desaguamento.

(1) Cit. op., n.º 104.

(2) Imperceptivel.

(3) Servia ahi de ralo a um cano de esgoto, e sendo examinada pelo sr. Governador Moura, ordenou este a sua remoção para o Museu, fazendo-a substituir por outra pedra.

LXX

Fragmento duma lápide em pedra de Nagoá, partido em dois bocados, ao meio. Damos aqui a respectiva photogravura: (1).

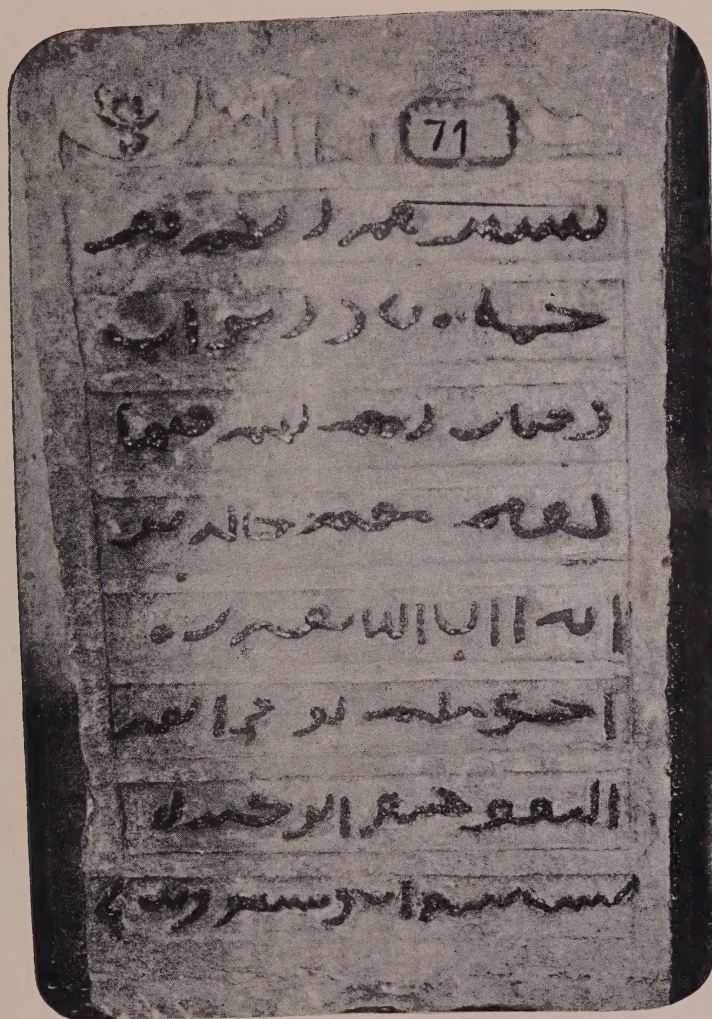


Veiu das ruínas da mesquita velha d'esta Praça, onde não conseguimos descobrir-lhe a parte faltante. Inscrição semiapagada, em caracteres mouriscos, cuja traducção não conseguimos ainda. Mede 1,^m35 $\times$ 0,^m50.

(1) Segundo uma photographia de Jethalal M. Rajula.

LXXI

Lápide em pedra inteiriça de Nagoá. Mede $0,^m80 \times 0,^m45$. Dâmos aqui a respectiva photographurá ⁽¹⁾:



Veiu do tecto da mina ⁽²⁾ que fica sob o Bal. *Cavalleiro*, do Castello, d'on-
de foi mandada remover para o Museu Archeologico, em maio de 1905, pelo

⁽¹⁾ Vid. a nota antecedente.

⁽²⁾ O lado oeste, dado para o fosso aquatico, do Castello é servido por 6 minas : sob o Baluarte *S. Philippe* (uma), na cortina que o liga ao Bal. *S. Nicoláu* (uma), sob este Bal. (uma), na cortina que liga este ultimo ao Bal. *S. Domingos* (uma), e sob este Baluarte (duas). Afóra esta, ha mais uma sob o Bal. *Cavalleiro*.

Governador sr. Moura. Inscrição em caracteres que se supõem arabes, abrangendo oito regras ou linhas, e cuja traducção tambem ainda não conseguimos ⁽¹⁾.

LXXII

Base d'uma columna em pedra inteiriça de Nagoá; ordem corinthia. Mede $0,^m65 \times 0,^m43 \times 0,^m30$. Veiu das ruinas da Sé do Castello.

LXXII

Legenda :

SEPVLTVRA
DE ANDRE CA
R . . IRO ⁽²⁾ DE
SEVS ERDEIR
OS FALECEO
NA ERA DE 609

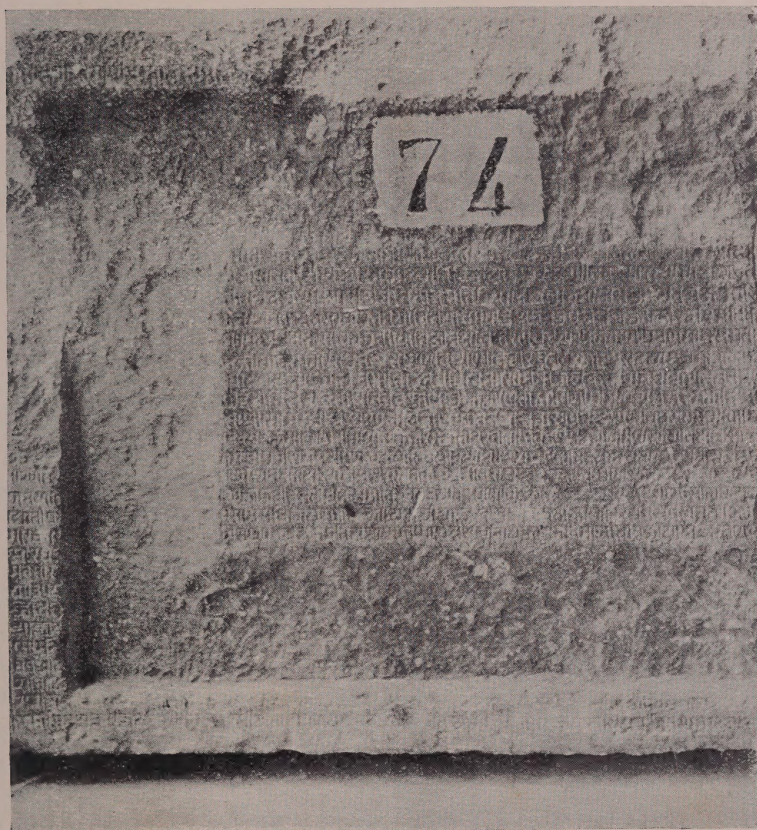
Nota — Pedra de Nagoá, partida em quatro bocados. Mede $0,^m25 \times 0,58^m$. Inscrição em letras maiusculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas. Veiu das ruinas do antigo convento de S. Domingos.

(1) Têm sido infructiferas, até hoje, as diligencias empregadas para se obter a traducção d'esta lápide, que parece remontar á epocha da dominação mussulmana. O senhor H. de Moura, que se interessou pela transferencia immediata d'esta pedra para o Museu, consultou alguns distinctos orientalistas de Bombaim, por intermedio do nosso illustre Consul naquella cidade, Sr. Visconde de Wrem, sem nenhum resultado. Tambem por amavel intervenção do douto academico sr. Christovão Ayres, foram consultados os srs. Professor David Lopes e Lucien Bouvat, secretario da *Société Asiatique* de Paris, que não a decifraram, devido, talvez, á má qualidade da photographia aqui obtida por um amator. Desta e outras inscrições orientaes, existentes no Museu, tiraram-se, ha pouco, alguns *clichés* que foram distribuidos por varios peritos nacionaes e estrangeiros.

(2) Deve ser Carneiro.

LXXIV

Fragmento d'uma lápide em pedra de Nagoá. E' um quadrado com o 0,^m45 de lado. Dâmos aqui a respectiva photogravura : ⁽¹⁾



Inscrição em caracteres sanscritos, cuja tradução ainda não conseguimos. Veiu d'umas ruínas existentes na rua de «Charpit», junto ás casas do baneane Lauchande Gerage ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Vid. nota ao n.º LXX d'este Catologo.

⁽²⁾ Existia antigamente naquelle sitio um pagode dedicado a *Sabôrnath* (deus de esperança).

LXXIV-A

Fragmento d'uma lápide em pedra de Nagoá. Mede $0,^m48 \times 0,^m20$. Inscricção em caracteres gothicos, como os da Inscricção n.º XXXII — em que se lê :

CEM ...

FILH ...

FRIS ...

FAL ...

Parece que se trata d'uma pedra tumular. Veiu d'um muro que delimita, no Castello, o recinto da antiga Sé.

LXXIV-B

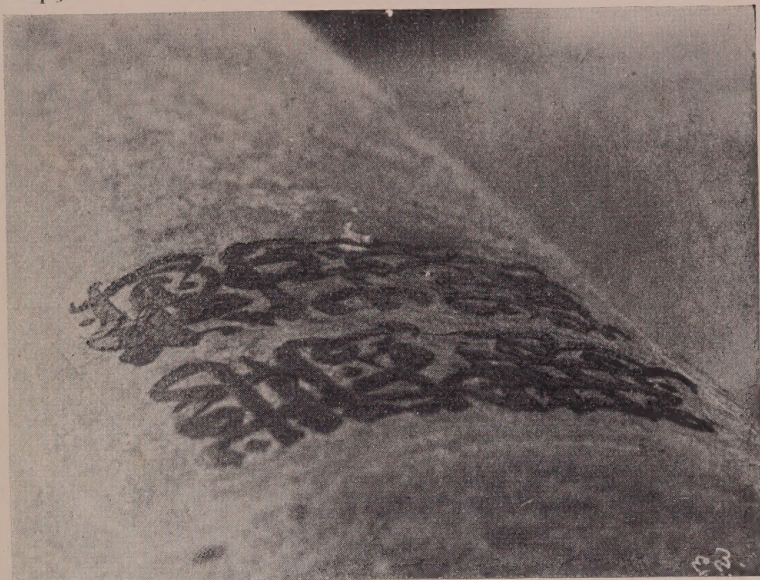
Fragmento d'uma aduela em pedra de Nagoá, estylo árabe, com ornamentos em alto relevo. Tem $0,^m61$ de corda, com $0,^m74$ de circumferencia na curva inferior. Foi encontrado junto á estrada que passa proximo ao cemiterio dos mouros *sidis* (extramuros da praça), e removida para o Museu. Pertenceu, provavelmente, álgum mausoléo sumptuoso de mussulmano endinheirado, que ahí estivesse sepultado.

LXXV

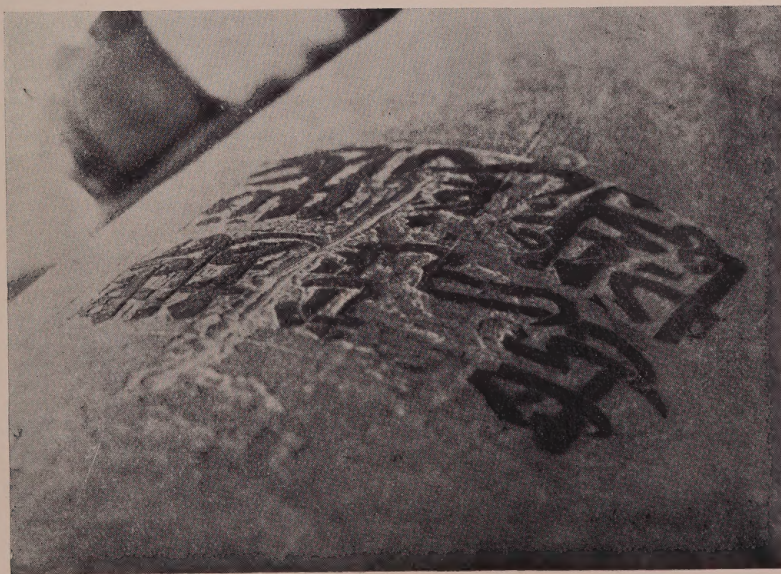
Pedreiro de bronze — *Basilisco*, segundo antigamente se chamava, ou *Peça de sitio e de praça*, segundo a technologia moderna. Tem as seguintes dimensões : comprimento $4,^m13$ — diametro da alma $0,^m22$ — diametro da bocca $0,^m39$ — idem da culatra $0,^m47$. O ouvido está em alto relevo, e dista $0,^m15$ do extremo da culatra. E' de carregar pela bocca. Deve pesar, approximadamente, doze mil kilogrammas. Os munhões estão a $1,^m80$ da bocca. A' distancia, respectivamente, de um metro, $2,^m35$ e $3,^m24$, a partir da culatra, vêem-se tres inscripções, dispostas em rectangulos, que medem, tambem respectivamente, $0,^m20 \times 0,^m23$ — $0,^m20 \times 0,^m21$ — e $0,^m20 \times 0,^m25$. As inscripções estão em alto relevo, bastantemente nitidas excepto a do centro, que se damnificou um pouco ao transportar-se a peça para o Museu. Os caracteres são pêrsas, dizem uns, ou árabes, pensam outros. Talvez sejam árabes *neskhis*, como são os da famosa «Peça de Diu», que se guarda no pateo do Museu do Commando Geral da Artilharia, em Lisboa. Veiu do Baluarte *Couraça* do Castello.

Infelizmente, não conseguimos anda a traducção d'essas inscripções, que são valiosissimas para a nossa historia. E' possivel que esta peça seja um dos dois basiliscos que, com o *Tiro de Diu*, foram tomados em Diu na morte do Sultão Badur (*Bahadur*), rei de Cambaya, *os quais foram dos quinze, que o Rumeção Capitão mór da Armada do Turco trouxe de Sués no anno de 1534, quando d'este Reyno foi D. Pedro de Castelbranco nas doze caravellas do soccorro que partirão em Novembro* (Vid. Fernão Mendes Pinto — *Peregrinações*,

c. II, p. 3, citado por David Lopes e Esteves Pereira no seu opusculo *A Peça de Diu*, p. 15). Dâmos aqui as respectivas fotogravuras ⁽¹⁾:—
Da 1.^a inscrição :

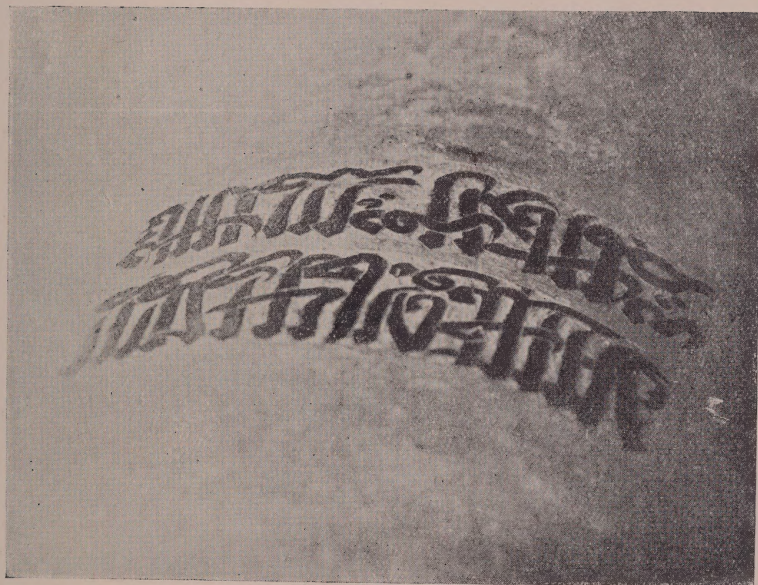


Da segunda :



(1) Vid. nota ao n.º LXX d'este Catalogo.

E da terceira :



LXXVI

Pedreiro de bronze — *Basilisco* ou *Peça de sitio e de praça*. Tem as seguintes dimensões : comprimento 3,^m50 — diametro da alma 0,^m20 — diametro da bocca 0,^m34 — idem da culatra 0,^m50. O ouvido está em relevo, a 0,^m22 do extremo da culatra, dentro d'um pequeno rectangulo, em cujos angulos se vêem quatro pequeninas esferas. E' de carregamento pela bocca. Deve pesar, approximadamente, oito mil kilogrammas. Tem dois pares de bragas e argolas, á distancia de 0,^m95 e 2,^m15 do extremo da culatra, e n'esta, que é plana, mais uma braga com a competente argola. A' distancia de 0,^m37 do ouvido, vê-se uma fita de bronze, em alto relevo, medindo 0,^m31 $\times$ 0,^m05, na qual se lê :

IOYKVLLE

que é nome — invertido em parte, nas letras *a*, *m*, e *t* — do artifice que o fez :

João Vicente, bom official do seu officio e artifice de incontestavel valia ⁽¹⁾. E' servido, á distancia de 1,^m88 da bocca, por um par de munhões, e entre estes, na parte superior, vê-se, em alto relevo, a «*Roda de S. Catharina*», ou a historica *Roda de navalhas*, lendo-se um pouco em baixo, entre os munhões e o primeiro par de bragas, a seguinte inscripção, tambem em alto relêvo :

FOI FÔDIDO ES
TE TIRO NA ERA
DE 1537 PER MÃ
DADO DO GOR
N.º DA CVNHA

Inscripção em letras maiusculas, com ligeiros entrelaçamentos e poucas abreviaturas. Junto ao segundo reforço, á distancia, respectivamente, de 0,^m23 e 0,^m58 da bocca, vêem-se as armas reaes e uma esphera armillar, em alto relêvo. Veiu do Bal. *Couraça*, do Castello ⁽²⁾. E' a mais antiga inscripção, das conhecidas, que existe n'esta Praça de Diu ⁽³⁾.

LXXVII

Armas Particulares ⁽⁴⁾

Brazão — Completamente obliterado. Talvez as armas dos Souzas ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ A respeito deste Vicente, diz o sr. dr. Souza Viterbo, em um bello artigo — *Arte-indo-portuguesa* — publicado no n.º 9 do vol. II dos «Serões», de Lisboa, 1902, p. 143, o seguinte : «Havia bastantes annos que já andava na India, onde prestou, pela sua variada aptidão, muitos e importantes serviços. Conservava-se ainda alli em 1546, no governo de D. João de Castro, sendo naquelle anno mestre de fundição em Goa. Nuno da Cunha chamou-o em 1532 a Cochim para alli estabelecer uma casa da fundição. Fabricou muita artilharia, mas de todos os seus trabalhos balísticos *só nos resta* a formosa peça denominada de Santa Catharina, por ter em relevo a sua imagem. Veiu de Damão para o nosso Museu militar, onde tem o numero 168». O illustre articulista não ignorava da existencia da peça de que nos estamos occupando, tanto que falla d'ella n'esse mesmo artigo ; mas suppunha, por falsa informação, que se não sabia o nome do seu fundidor. Fica, pois, feita a devida rectificação. Acerca d'este canhão, veja-se o citado *Relatorio*, p. 94.

⁽²⁾ Cit. *Relatorio*, pg. 93.

⁽³⁾ A mais antiga era a da peça *Tigre* (1533), levada para Lisboa em 1896, a bordo do transporte «Africa», e existente hoje no Museu de Artilheria da capital do reino (Vid. cit. *Diu*, pg. 62, nota ⁽¹⁾).

⁽⁴⁾ Occupam o centro da lápide, com a inscripção para os dois lados.

⁽⁵⁾ Vid. I. n.º XXIII.

Legenda :

AQVI IAS DÕ	LOVRECO
DE SOVSA	FILHO DE DÕ
FR ^{co} DE SOVSA	E DE DONA brI
ATIZ DE MEDOCA	FALECEO NESTA
FORTZA DE DIO CA	VIDO DA GVERA

DOS ... (1) DE bARE AOS 9 DE IANR^o DA ERA DE 1560

Que em texto corrido deve lêr-se :

— *Aqui jaz D. Lourenço de Souza, (2) filho de D. Francisco de Souza e de D. Beatriz de Mendonça. Falleceu n'esta fortaleza de Dio, cá vindo da guerra dos Turcos de Barem, (3) aos 9 de Janeiro da era de 1560 —*

Nota. — Pedra de Nagoá, partida em quinze bocados, faltando-lhe alguns fragmentos. Mede 1^m,10 × 0,56. A inscrição está quasi toda em letras maiúsculas, contendo varios entrelaçamentos e abreviaturas. Veiu das ruínas da antiga egreja da Misericordia do Castello, onde foi recentemente descoberta no decurso das excavações que ahi se estão procedendo — bem como na Sé Velha — a expensas do fundo de archeologia (4) e sob a direcção do sr. Governador.

(1) Imperceptível, por muito deteriorada n'este logar, distinguindo-se apenas uma parte das letras (entrelaçadas) *v* e *r*. A palavra devia ser *TVRCOS* (Turcos).

(2) Este Lourenço de Sousa parece ser irmão de D. Diogo de Sousa, que em 1561 — segundo Couto — era Commendador da Ordem de S. João e Bailio (ou Balio) de Acre. Sobre a filiação só sabemos o que reza a inscrição. Couto não menciona o nome de D. Lourenço na expedição enviada contra os turcos, que, em 1559, quizeram tomar a ilha e fortaleza de Baharem, onde exerciamos notavel influencia politica e commercial, devido á proximidade de Ormuz. Como se sabe, o começo d'aquella empresa foi funesto para as nossas armas, pois n'ella tivemos cem baixas : 70 mortos e 30 captivos. Entre os primeiros, conta-se o commandante da força, o bravo D. Alvaro de Silveira, horrorosamente decapitado pelos turcos ; entre os segundos, é possivel que figurasse o nosso D. Lourenço, pois o texto da inscrição, agora descoberta, autorisa a suppôr-o. Couto cita D. Lourenço na viagem do V. Rei D. Constantino de Bragança, para a empresa de Damão, em principio de 1559, na qual ia como capitão de uma galeota ou de uma fusta. De Damão partiu D. Lourenço na expedição de Antonio Moiniz Barreto contra os Abexins, na qual tambem foi o referido D. Diogo. Pouco depois, a 15 de fevereiro de 1559, partiu com D. Alvaro de Silveira na Armada por este commandada para a vigia do Estreito (Mar Vermelho), indo a commandar uma fusta. Deram-se então os successos de Baharem, aonde D. Alvaro perdeu a vida. Parece que o nosso D. Lourenço voltou então para Diu, onde morreu pouco depois, visto que taes successos se deram em setembro a outubro de 1559. Mas, segundo Diogo de Couto, na expedição para o Estreito, do anno de 1561, do commando de D. Francisco Mascarenhas, figura D. Lourenço de Sousa como capitão de um dos navios. A lápide de Diu, agora descoberta, virá rectificar o pequeno anachronismo ? Parece que sim, pela fórma explicita como está redigida, na sua parte final. Cf. Couto, *Decadas*, VII, p. II, 25, 36, 50, 110, 129, 151, 448.

(3) Ou Baharem, ilha do Golpho Persico, na costa de Arabia, perto de Ormuz. Os inglezes chamam-n'a *Bahrein*, e tambem *Awal Island*.

(4) Vid. cit. Rev. *O Or. Port.* v. III, pg. 60.

dor do districto. Pertenceria ao templo debaixo de cujos escombros foi encontrada ? viria da Sé ? Parece nos acceptavel qualquer das duas conjecturas.

LXXVIII

Esculptura em pedra de Nagoá, contundida do lado esquerdo. Mede 0,^m90 $\times$ 0,^m65. Representa uma figura allegorica do paganismo, talvez um santo hindú, apresentando a mão esquerda apoiada sobre o collo d'uma serpente, e pousando a direita na ilharga. Foi encontrda no bairro «Chimpá» d'esta praça, entre umas ruinas, e pertenceu talvez a algum pagode.

LXXIX

Duas imagens em pedra de Nagoá, ambas mutiladas, sem cabeça; pelo habito, que vestem, parecem dois religiosos. Uma sem designação alguma, tendo na mão esquerda um livro, e na direita um ramo de palmas. Outra não tem a mão direita, apoiando a esquerda sobre o peito; lê-se-lhe na peanha a palavra *XAVIER*. Esta veio do terraço da Porta do Campo, ⁽¹⁾ e aquella das ruinas da igreja de São Domingos.

LXXX

Legenda :

P. A.
LOURENÇO

.....
FALECIDO
AOS ... DE
MARÇO....

Nota — Lápide em pedra inteiriça de Nagoá. Mede 0,^m33 X 0,^m24. A inscripção está pouco legivel e toda em letras maiusculas, sem entrelaçamentos nem abreviaturas; tem, no alto, as iniciaes *P. A.* ao avêssso. Veiu das ruinas do extincto convento de S. João de Deus.

⁽¹⁾ A' direita d'esse terraço, para o sul, fica o Baluarte denominado de S. Francisco Xavier, ao qual, evidentemente, pertenceu essa imagem.

LXXXI

Fragmento d'uma lápide, medindo 0, ^m340, ^m29, em que apenas se lê *VRA* — talvez as letras finaes da palavra *sepultura* (sepultura). Foi tirado d'uma calçada que do pateo de S. Martinho (no Castello) se dirige para o cães de Travanda.

LXXXII

Legenda :

VASCO MSE. S DE MZS
CAPITAM GERAL SEMDO
VREI DESTE ESTADO O ILVST
....IMO SNOR DOM IR.º DA
.....DO EM 25 DE NOV

.....

Nota — Fragmento d'uma lápide, em pedra de Nagoá. Mede 0, ^m80 × 0, ^m49. Foi recentemente encontrado nas ruinas da antiga *Couraça grande* do Castello, onde esteve longo tempo debaixo de agua, vendo-se por isso n'elle muitas adherencias de ostras, que ahi se lhe pegaram. Não se lhe conhece a data; talvez seja do tempo do primeiro Conde de Sabugosa (Vasco Fernandes Cesar de Menezes), que succedeu a D. Rodrigo da Costa no governo da India. E' provavel que ainda n'esse mesmo sitio se encontre a parte restante d'esta lápide.



